

Ilustração Brasileira

ANO XL

MARÇO, 1949

NUMERO 167



Um flagrante da chegada de Emilinha Borba e do Trio de Ouro quando o cortejo interrompeu todo o trânsito na Avenida Rangel Pestana para receber a ovação popular

Já se pode dizer, com segurança, que o povo de São Paulo mudou seus hábitos em relação ao Carnaval, atendendo pressurosamente, e com grande entusiasmo, ao chamado da Rádio Bandeirantes — conhecida, com justa razão, como a mais popular emissora paulista — para receber os artistas contratados no Rio para os festejos de momo. Assim é que desde as dez da manhã de domingo — 6 do corrente — a Avenida Rangel Pestana ficou intransitável com a chegada da imensa massa popular, das Escolas de Samba e dos Ranchos, empilhando seus estandartes multicores e devidamente fantasiados. Quando surgiu o carro conduzindo Emilinha Borba e o Trio de Ouro, a multidão atingiu o auge da alegria e foi muito vagarosa e dificilmente que o cortejo conseguiu atingir o Teatro Colombo, de onde seria irradiada a primeira audição. Dentro da velha casa de espetáculos, literalmente lotada, Emilinha e o Trio de Ouro receberam uma ovação que raiava pelo delírio. Nessa ocasião houve o lançamento do nome de Emilinha para o título de "Rainha do Rádio", tendo sido, em poucos minutos sobrescritos todos os votos impressos que havia, no momento.

O grito de Carnaval da Bandeirantes, coroado de pleno sucesso, veio, mais uma vez, provar a preferência que essa emissora desfruta no espírito público. Como prova de nossas as-

serções, basta que se diga que há muito o auditório da PRH9 tornou-se insuficiente para abrigar o público que aprecia os programas de auditório.

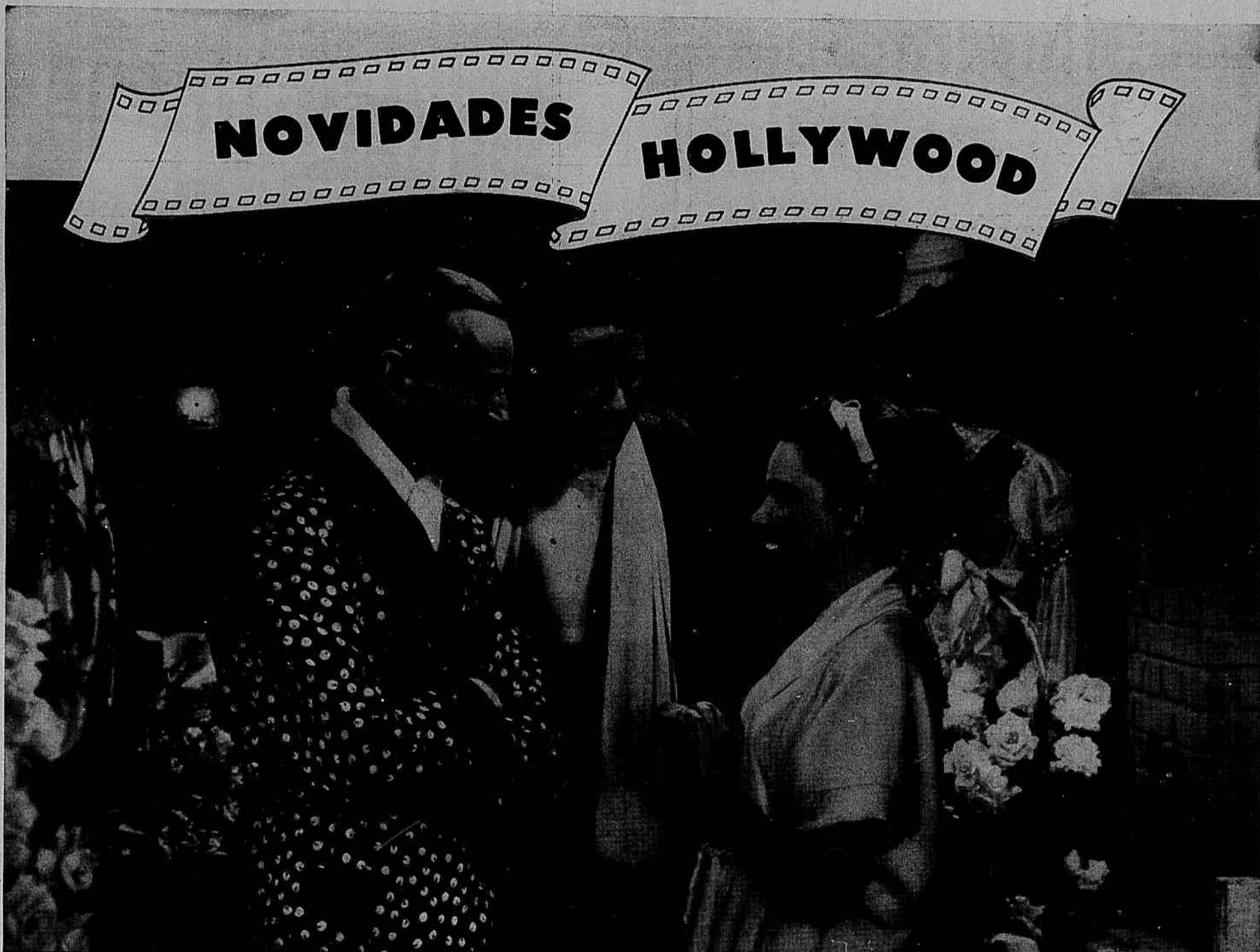
Em consequência, a Bandeirantes passou a dar espetáculos em diversos teatros, sempre superlotados, enquanto procurava construir um auditório capaz de proporcionar todo conforto aos seus ouvintes. Superando dificuldades de toda ordem, desde a obtenção de um lugar amplo, até os problemas de acústica, a Bandeirantes acaba de terminar a construção de seu novo auditório, considerado o maior de São Paulo e talvez do país, restando apenas marcar a data da inauguração. Por ocasião dessa inauguração, a Bandeirantes lançará dois excepcionais programas de Gilberto Martins o consagrado broadcaster autor de novelas e inovações que marcaram época no rádio brasileiro. Fomos informados que a Rádio Bandeirantes está firmemente decidida a manter sua linha de orientação que pode ser resumida em poucas palavras, embora seu significado seja uma grande notícia para os ouvintes: PROGRAMAS CADA VEZ MAIS APURADOS. AFIM DE AGRADAR CADA VEZ MAIS.

COMO UMA ESTAÇÃO DE RÁDIO CONSEGUIU MUDAR OS HÁBITOS DO PAULISTANO

ENTUSIASTICA RECEPÇÃO A EMILINHA BORBA E AO TRIO DE OURO — A RÁDIO BANDEIRANTES PARA DAR MAIOR CONFORTO AO PÚBLICO CONSTRUIU UM NOVO AUDITÓRIO — ENQUANTO NÃO É INAUGURADO, A MAIS POPULAR EMISSORA PAULISTA DÁ SEUS ESPETÁCULOS DE AUDITÓRIO EM DIVERSOS TEATROS, SEMPRE SUPERLOTADOS. — A NORMA DE ORIENTAÇÃO DA P R H 9.

A multidão que lotava o Teatro Colombo aplaude delirantemente o lançamento do nome de Emilinha Borba para "Rainha do Rádio".





Hollywood - Calif. Judy Garland aparece pela primeira vez num filme com Fred Astaire que esteve dois anos afastado dos "studios". E "Desfile de Páscoa", que apresenta igualmente Ann Mil'ler e Peter Lawford está fazendo furor. Brevemente êsse grande filme da Metro alcançará o mesmo sucesso no Brasil.

Os astros do cinema, e entre eles Judy Garland, Fred Astaire, Ann Miller e Peter Lawford têm a mesma atitude, quando fumam: exigem qualidade. E por isso fumam somente cigarros onde entra alta qualidade de tabaco como a que é empregada nos cigarros Hollywood. Preferindo o cigarro Hollywood, você dá igual prova de bom gosto.

CIGARROS

Hollywood

Cada cigarro Souza Cruz
é sempre o melhor em sua classe.



CIA. DE CIGARROS

Souza Cruz

Ilustração Brasileira

FUNDADA EM 1909

Edição da S. A. "O Malho"

Grande prêmio na exposição do Centenário, em 1922 — Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 — Diploma de honra da Feira Internacional de Nova York em 1940.

Órgão oficial da Exposição do Centenário, em 1922, do Centenário da Pacificação dos Movimentos Políticos de 1842, do Centenário do Boi de Julho, da Bahia, do Instituto Histórico nas comemorações do Centenário do Nascimento de D. Pedro II, do Centenário do plantio de café no Brasil, do Cinquentenário da República, do Centenário da Confederação do Equador, do Cinquentenário do Cerco da Lapa, e do Cinquentenário da Fundação da Academia Brasileira.

DIRETORES:

Oswaldo de Souza e Silva
Antonio A. de Souza e Silva

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua Senador Dantas, 15-5.º Andar
Telefones: 22-9675 — 23-0466 — 22-0745
Caixa Postal 880 — End. Tel.: "OMALHO"
Rio

PREÇOS DAS ASSINATURAS

(REMESSA SOB REGISTRO POSTAL)

Brasil, países da América e Espanha:

12 meses Cr\$ 120,00

6 meses Cr\$ 60,00

Demais países:

12 meses Cr\$ 140,00

6 meses Cr\$ 70,00

Numero avulso, Cr\$ 10,00

ANO XI — N.º 167 — MARÇO

NOSSA CAPA

LAGO DAS NENUFARES

Tela de Manoel Faria

CURIOSIDADES DO BRASIL

PEABIRÚ — A ESTRADA PRE-COLOMBIANA

Chamavam os índios "PEABIRÚ", a uma estrada pre-colombiana que se estendia por mais de duzentas leguas, da costa de S. Vicente ao Rio Paraná, atravessando os rios Tibagi, Ivai, e Piquiri, por onde os povos indígenas se comunicavam com o mar e com as regiões mais distantes do Ocidente. Ao poente do Paraná o caminho prosseguia, atingindo o Perú e a costa do Pacífico. Os Bandeirantes utilizaram-se do "Caminho de Peabirú" em todas as direções da linha tronco e dos seus ramais. Si vinham pela linha tronco, o itinerário era S. Vicente — Piratininga (São Paulo), Sorocaba, Botucatu, Tibagi, Ivahi, Piquiri. Si vinham pelo Tietê, atravessavam o Paranapanema proximo a foz do Piracó, subiam pela margem deste em direção ao Ivahi, que atravessavam pouco acima do seu afluente então denominado Rio da Guia, margeando a esquerda o rio principal, até ao atual Campo do Mourão. A igual distancia do Ivahi e do Piquiri, o caminho que se bifurcava para o sul ia ter ao Iguassú no ponto em que este rio, na sua margem esquerda, recebe o Santo Antonio. Por esse caminho ou parte dele transitaram, no século XVI, numerosas pessoas e expedições, das quais em 1541 Cabeza de Vaca e seu sequito militar, em direção ao Paraguai. Johann Ferdinando vindo de Assunção com a missão o de incrementar o cultivo da mandioca em Santa Catarina, para o suprimento dos navios castelhanos, em 1549. Os companheiros de Hans Staden, Ullrich Schimidel em 1553, vindo do Paraguay para S. Vicente; o grande missionario Padre Leonardo Nunes quando pretendeu reunir em aldeia crianças indígenas para educar; os irmãos Pedro Correia e João de Souza, pacificadores dos Carijós, e vitimas da sua abnegação apostolica e muitos outros personagens historicos transitaram pelo "Caminho de Peabirú". Gentil de Moura, em comunicação feita ao Instituto Historico de S. Paulo em 1910, identificando o itinerario seguido por Ullrich Schimidel, dá do "Caminho de Peabirú". Após a entrada dos padres jesuitas no "Territorio de Guaira" (1610), o "Caminho de Peabirú" foi dado como sendo o trilho percorrido pelo apostolo São Tomé em sua peregrinação. Na America e passou a denominar-se "Caminho de S. Tomé". A versão da vinda do Apostolo ao Novo Mundo, era aliás corrente entre os índios da região atravessada pelo Peabirú. Não somente no Brasil e no Paraguai mas em toda a America do Sul era corrente entre os indígenas, a noticia de que um homem extraordinario andara por ai pregando o Evangelho. Que fôra ele que ensinara como se podia utilizar a Mandioca e a Herva — Mate, que depois disso se tornaram base da alimentação geral. Que predissera o fastigio e a destruição de Guaira. Que anunciara vinda dos missionarios que lhes haviam de dizer a mesma cousa que ele dizia. Numa rocha à margem do Piquiri diziam haver as pegadas de Sumé ou Zumé ou Tomé e que os trilhos que percorreu de uma a outra costa do continente, do Pacífico ao Atlantico, nunca mais se fecharam. Que esse trilho era o "Caminho de Peabirú". O conego Fernandez Pinheiro sugere que "a tradição de S. Tomé é obra e invenção dos Jesuitas". Mas o padre Rafael Galanti diz que existiu a mesma

EXIJAM SEMPRE
THERMOMETROS PARA FEBRE
"CASELLA LONDON"
HORS CONCOURS

tradição na costa do Brasil. Southey diz que o "Zomé" segundo todas as probabilidades é uma corrupção de "Zem" do Haiti, divindade ou pessoa divinizada. E que no Paraguai chamavam-na "Paizumé", palavra composta com que os indígenas designavam os sacerdotes. Southey acrescenta: "Os Jesuitas que acharam S. Tomé no Oriente, também lhe descobriram os vestígios no Ocidente".

O PALACIO DO CATETE

Em 1862, o Barão de Nova Friburgo mandou construir o edificio que viria a ser o Palacio do Catete. A sua forma cubica dava razão para acreditar-se que ele era apenas o primeiro corpo saliente de um grande palacio projetado para ocupar todo o espaço entre as ruas Silveira Martins e Ferreira Vianna. Até 1890 esteve quasi sempre deshabitado — Em 1896 foi adquirido pelo Governo para residencia e secretaria do Presidente da Republica. Então foi submetido a grandes modificações.

Eram porém, já suntuosos os salões que apenas receberam asseio definitivo. No primeiro pavimento estão a Portaria, a Biblioteca, a sala comum das audiencias, a secretaria da Presidencia, a secretaria da Presidencia e o gabinete em que o Presidente recebe os ministros de Estado. Em frente à porta principal do palacio vê-se a grande escada elegantemente traçada e iluminada por uma claraboia de vitraes policromaticos. No segundo pavimento ou andar nobre estão os salões de recepção diplomatica e oficial — um principal, correspondendo às tres janelas do centro, arquitetura majestosa e mobiliario equivalente; outro, o Pompeiano, com duas janelas para a frente e duas para a Rua Silveira Martins; o Veneziano, com janelas



Ontem

O FUTURO ME PREOCUPAVA...

"COMO ficaria minha esposa? Como se educariam meus filhos? Quem pagaria o aluguel tão elevado e as contas mensais? Todas essas perguntas me inquietavam quanto ao futuro... caso um imprevisto me levasse desta vida. Hoje, não. Minha apólice da Sul America afastou toda inquietação. Os meus estão garantidos!" São palavras de um chefe de família... E podem ser suas, se resolver também afastar toda preocupação com o futuro, assegurando a tranquilidade do lar, cumprindo seu dever de chefe através de uma apólice de seguro da Sul America, que lhe oferece vários planos vantajosos, um dos quais deve corresponder ao seu problema pessoal.

Um amigo está às suas ordens para o orientar nesse assunto: o Agente da Sul America.



OUÇA, como a voz de um amigo, a palavra do agente da Sul America.

À Sul America

CAIXA POSTAL 971 — RIO DE JANEIRO

Queiram enviar-me um folheto com informações sobre o seguro.

10-VVVV-

Nome.....
 Data do Nascimento: dia..... mês..... ano.....
 Profissão.....
 Casado?..... Tem filhos?.....
 Rua.....
 Cidade..... Estado.....



Sul America

COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS DE VIDA
 FUNDADA EM 1895

só para esta rua; e ainda o belo salão dos espelhos, no angulo esquerdo do edificio. Neste pavimento existem ainda o salão de jantar para dias solenes, tendo ao lado o salão mourisco, "fumoir", de gosto genuinamente oriental. No terceiro pavimento, estão os aposentos particulares do presidente. Ao lado esquerdo do palacio há terreno ajardinado, e outras construções de menor vulto. Dos fundos até a praia do Flamengo, numa extensão de duzentos e cinquenta metros, corre bellissima chacara, tratada como um parque, cheio de moitas, gramados, canteiros floridos, repuchos e um mirante, num extremo, para um lance d'olhos sobre o mar.



Magníficos trabalhos de tricô a senhora encontra, com especificação das medidas, em Arte de Bordar, o mensário perfeito de artes applicadas e riscos de bordar.

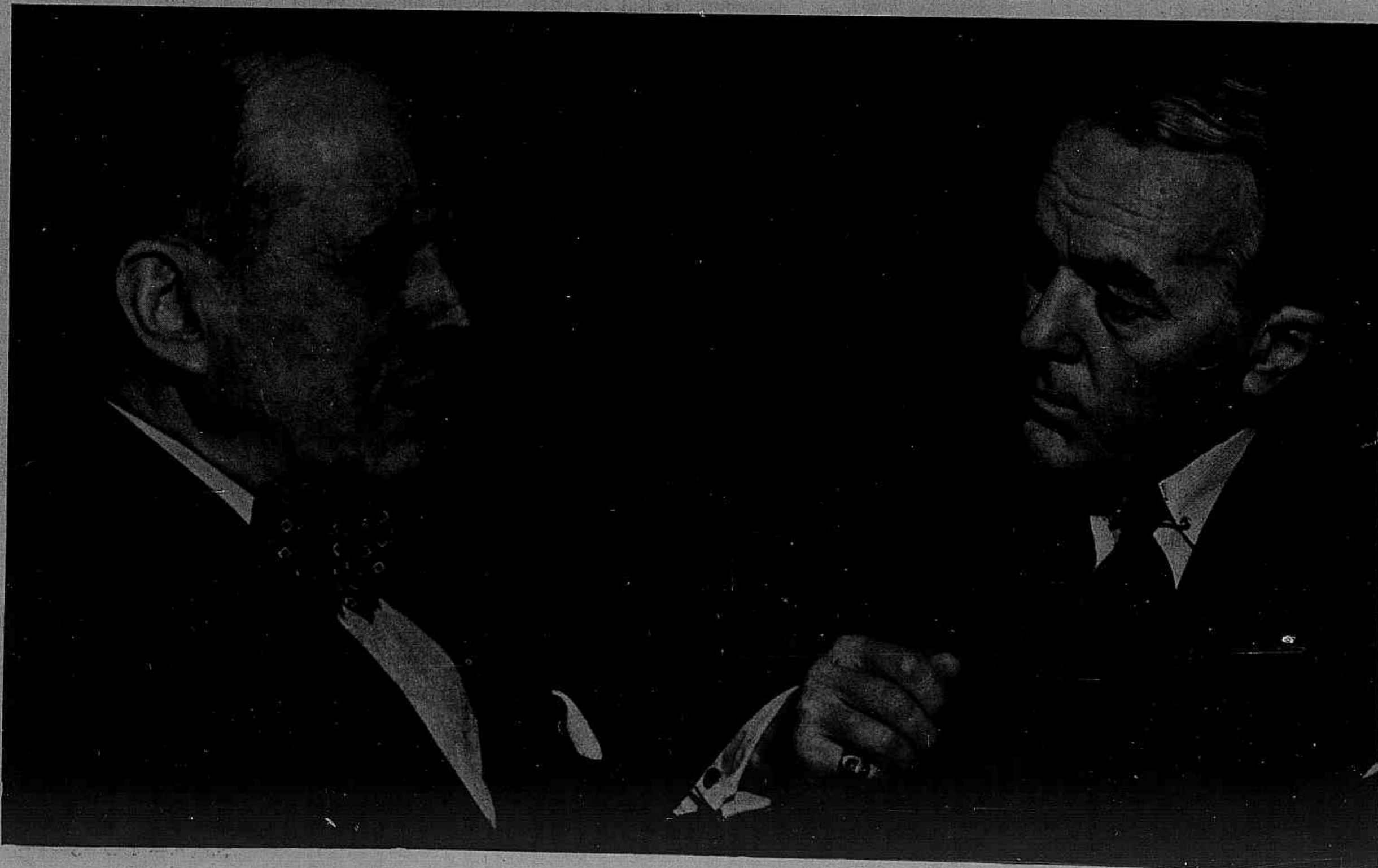
Indispensavel às donas de casa, custa apenas Cr\$ 7,00. À venda nas livrarias e bancas de jornais. Pedidos também pelo Reembolso Postal, à S. A. O Malho, Rua Senador Dantas, 15, 5.º andar, Rio.

Limpe a pele uma vez por dia
PASTA DE AMENDOAS
RAINHA DA HUNGRIA.
 De Mine. Campos
 À VENDA EM TODA A PARTE

VIDA DIPLOMATICA

A escolha do nome do embaixador Cyro de Freitas Vale para o cargo de Secretário Geral do Ministério das Relações Exteriores mostra que o governo da República continúa na sua norma tradicional de colocar nos postos os homens a eles destinados pelas suas qualidades intrinsecas. Diplomata com uma carreira toda feita com raro brilho e patriotismo, o dr. Cyro de Freitas Vale é um dos nossos patricios que mais têm trabalhado pelo Brasil na sua representação no exterior. Dotado de larga cultura, conhecedor profundo de todos os segredos da arte de aproximar os povos, a sua obra nesse sentido é vasta e notável. Ainda recentemente à testa da nossa missão em Buenos Aires teve ele uma atuação vigorosa num trabalho constante de fraternidade americana. Ao seu prestígio pessoal no Rio da Prata, muito devemos, e agora, nesse novo posto a que o chamou o governo da República terá o embaixador Cyro de Freitas Vale ensejo de prosseguir na sua trajetória fulgurante sempre a serviço do Brasil.

O ministro Helio Lobo é uma das figuras mais brilhantes do nosso corpo diplomático. Com uma longa folha de serviços ao país, delegado do Brasil em assembleias internacionais das mais importantes em varias épocas, chefe de missões em diversas nações, em todos esses postos desenvolveu ele uma intensa atividade rica de patriotismo e de devotamento. Agora encontra-se o ministro Helio Lobo como nosso representante na Organização Internacional para os Refugiados em Genebra. Na fotografia vemos-lo ao lado do sr. William Tueck, Diretor Geral com quem palestra sobre os problemas da Organização.



LIBELO PONTIFICAL

Todo o orbe civilizado, hoje, é uma esfera de alta ressonância, em que se universalizam protestos e acusações, verberando a pena de encarceramento perpétuo, imposto pela mentira judicante de um Estado satélite ao Cardeal Mindszenty, Primaz da Hungria, a religiosa Hungria de Santo Estevão no primeiro milênio e do soviético em pleno século vinte.

Por toda a órbita das nações evangelizadas, irmanaram-se as vozes do templo e da escola, do jornal e do rádio, do homem de governo e do homem da rua na mesma increpação à vileza dos maus julgadores, contra os quais se lavra a sentença inapelável do maior tribunal coletivo — a humanidade cristã. E acima de tantas vozes, com o breve discurso de Pio XII, grande orador, ecoa singularmente a voz da cidade eterna, Roma, para um auditório de trezentos mil fieis, ao ar livre.

Certo, nunca foi mais lampejante a verdade, mais pura e forte, sob a inspiração da eloquência romana e apostólica — uma verdade entronizada no solo pontifício, lançando aos povos as suas revelações e aos tiranos os seus anátemas, erguendo o novo prodígio da coluna de fogo em outros desertos de neve, tumultuados pelo facciosismo escravizador e homicida.

Quando às margens do Tibre — e assim o propala S. Santidade — repercute o crime das margens do Danúbio, em profundo clamor, Pio XII é bem o celebrante da Missa de Expição planetária, holocausto divino para as almas livres, nesta fase da ciência e do satanismo de energia atômica e do Anticristo. Junto à basilica de

S. Pedro ou num recanto do lar, como o Evangelho determina, oramos com ele por todos os nobres mártires da fé e da liberdade.

Se os dias atualmente vividos prolongam na sua iniquidade, por vezes, os livros neoronianos dos Anais de Tacito, resguardemos em letras imperecíveis o libelo sacro, destinado a uma página da História Universal. Ao pátrio poder, ao carinho das mães ou à influência dos mestres veneráveis o Estado sem Deus arrebatou a flor das gerações. Nas zonas de concentração, desnazificadas, mas reconstituídas sob outros signos fatais, escravizam-se os operários, degradam-se as mulheres, pervertem-se os menores. Inimigos da confissão exigem que se desvende o sigilo do confissionário. Recomeçam as perseguições, e os iluminados saem do oratório para as cadeias tenebrosas. Ultrajado o sacerdócio, oprimidas as consciências, negados os direitos do homem, rotos os vínculos morais à coexistência humana, Pio XII interroga a multidão silenciosa e ofegante: — “Pode calar-se o Papa? “Não; o Papa deve falar neste momento às ovelhas do seu rebanho e aos lobos da Eurásia, como falaram ao gentio os primeiros apóstolos em Antióquia e na Tessalônica, depois em Efeso, Atenas e Corinto, finalmente em Roma. Católicos ou acatólicos, de qualquer modo cristãos, devemos todos nós ouvi-lo como soldados espirituais, sob várias bandeiras, no mesmo campo e na mesma ordem de batalha.

PANORAMA

VAGA DE ODIO E INTOLERANCIA

O professor de um curso do Departamento Administrativo do Serviço Público, dando uma aula pratica sobre métodos de pesquisa aplicados ao estudo de problemas de assimilação e aculturação, viu-se diante de indices desconcertantes sobre as reações do povo brasileiro em face de pessoas de outras nacionalidades e de outras raças.

Para começar, basta dizer que mais de 70% dos alunos pesquisados se manifestaram contrários ao casamento entre brancos e negros e mais de 50% não toleravam casamentos nem mesmo entre brancos e mulatos. Não foi grande a percentagem dos que se declararam contrários às relações de vizinhança com pretos e mulatos, mas em compensação mais de 15% não os admitiam nem mesmo como simples conhecidos ou companheiros de clube.

Cabe aqui um esclarecimento para que se tenha uma idéia mais clara a respeito da significação dos indices obtidos. O inquerito foi feito, como dissemos acima, entre os alunos de um dos cursos do DASP, quer dizer: entre gente adulta e dotada de conhecimentos suficientes para falar sobre qualquer assunto de caráter geral; num grupo absolutamente heterogeneo, composto de funcionarios publicos, vindos dos mais diversos pontos do país e até das mais diversas camadas sociais. Entre os pesquisados não havia apenas brancos, mas também negros e mulatos e naturalmente filhos e netos de imigrantes. Tratava-se, como é facil, de imaginar, de um ajuntamento tão representativo, como qualquer outro, da mentalidade da classe media urbana. Nisso está o interesse da pesquisa.

Até aqui a noção corrente entre nós é de que o brasileiro não tem preconceitos de raça ou de cor. Somos geralmente apontados como um povo de sentimentos fraternais muito largos. E realmente, para saber que no Brasil não vinguem preconceitos raciais, basta parar um momento numa esquina qualquer ou tomar um bonde e olhar em torno: brancos e pretos se misturam com absoluta naturalidade e o numero de mulatos de todas as graduações é enorme.

Aliás, todos nós, brasileiros, sabemos (e não fazemos disso nenhum segredo, nem demonstramos nenhum constrangimento em confessá-lo) que temos antepassados negros ou índios, pois é muito difficil, senão impossível, encontrar uma família brasileira que não se tenha, alguma vez, misturado com negros ou descendentes de negros.

Por outro lado, toda vez que algum hotel ou instituição publica ou particular tentou fazer discriminação contra pretos ou mulatos encontrou a mais viva repulsa por parte da imprensa, quando o caso não vem ecoar no Congresso através de protestos sonoros. Mas, por outro lado, ninguém ignora que há discriminação de verdade. Muitos clubes não admitem negros em seus salões, embora a intolerância não atinja os "mulatos disfarçados". É inutil procurar um negro nos quadros da officialidade da Marinha de Guerra, se bem que no Exército haja alguns. O Itamarati também os discrimina, embora muitos que lá estão fichados como brancos sejam bons exemplares de mulatos. Entretanto, o que se convenção chamou de opinião publica não aprova essas distincões e os atribui a um condenavel esnobismo. Assim, de um modo geral, toda gente sabe que existe nos meios que se julgam mais scletos e "refinés" preconceito contra os negros, embora a maior parte de tais discriminadores tenha uma ascendencia não muito remota de mestiços bem carregados. Mas sempre se admitiu que o proletariado e a classe media permaneçam, entre nós, imunes de tais preconceitos.

Ora, o inquerito do DASP veio demonstrar que mesmo a classe media já está contaminada. Pelo menos aquela parte que trabalha no serviço publico e se dedica a estudos de caráter social, agora pesquisada na curiosa experiencia do DASP.

Quem viajou pelo interior do Brasil sabe que tais preconceitos não existem no campo nem nas pequenas cidades do interior. Lá, brancos e pretos se misturam de verdade, e não há mesmo nenhuma noção de distincão de raças e cores. Também entre as classes mais pobres da população, todos convivem em perfeita premiscuidade, e os casamentos mistos não são raros nem cons-

tituem motivos de estranheza. Esse preconceito é, pois, nitidamente, um preconceito de origem urbana e que, tendo surgido artificialmente entre a gente mais rica e elegante, ciosa de sua cultura importada, acabou contagiando a classe media que, entre nós, mais do que em qualquer outra parte do mundo, se esforça por imitar e copiar os modos e a mentalidade da alta burguesia. Há no caso também influencia norte-americana, que se torna dia a dia maior, principalmente entre o proletariado e a pequena burguesia e que tem no cinema um veículo de tremenda eficiencia. Há também a considerar os residuos da ultima guerra. O mundo viveu pelo menos uma decada inteira de predominio fascista que em toda parte tomou um caráter de brutal intolerância. Embora no Japão e na Italia o fascismo tenha assumido uma feição nitidamente nacionalista, os preconceitos racistas do hitlerismo acabaram impondo-se aos dois parceiros de Hitler e à mentalidade de uma grande parte da população. A vitoria das democracias não liquidou tais intolerâncias. Ao contrario: em muitos lugares exacerbou-as. Na Europa mesma, principalmente na Polonia e na Austria, que viveram alguns anos sob a dominação nazista, o antissemitismo continua a apresentar um aspecto de perigosa virulencia. Era de presumir que, depois do terremoto nazista, que tanto fez sofrerem as populações dos países dominados e que quase liquidou com os judeus da Europa, a identidade de sorte tornasse aquelas mais tolerantes em relação a estas. Mas tal não se deu.

Ao que parece, as guerras não despertam bons sentimentos entre os povos, nem mesmo como exemplo. Ninguém se mostra contrito ante o espetáculo de tanta destruição, sofrimento e miseria provocado justamente pelo odio e a intolerancia. E o odio continua cada vez maior e a intolerancia cada vez mais feroz. Até mesmo povos tradicionalmente hospitaleiros e bons, como o brasileiro, se deixam envolver por essa aura de má vontade para com os outros povos.

Através de tais caminhos chegamos à situação denunciada pelo inquerito do DASP. Não obstante sermos um povo que precisa da cooperação entre os povos porque nosso maior problema é o do povoamento, e apesar de reconhecerem os proprios pesquisados esta verdade, por isso que mais de 90% se manifestaram favoraveis à imigração, a "enquête" apurou a existencia de uma especie de xenofobia, verdadeiramente absurda. 45% das pessoas consultadas mostraram-se intransigentemente contrarias à imigração japonesa, o que é explicavel. Mais de 30% se manifestaram contra judeus, russos e indús. (Por que contra indús, em tão larga proporção, se aqui nunca se falou, nem bem nem mal, dos indús?). Mais de 20% contra turcos, sirios e estonianos. Mais de 10% contra chineses, tchecos, gregos, húngaros, suecos, finlandezes, alemães, portugueses e noruegueses.

Como se explica que tão larga proporção seja contraria a suecos, finlandezes e noruegueses, por exemplo, gente com que temos tido um contacto tão superficial e tão raro? Compreende-se, por exemplo, que muita gente não gosta de judeus, de alemães, chineses, de russos ou portugueses. É talvez uma mesquinha, fruto da ignorancia, ou de congenita má vontade. Pode-se admitir que alguém não queira saber de nenhuma especie de estrangeiro. É mesquinho, triste, idiota, mas compreende-se. O que não se compreende é que se discriminem especialmente povos que se não conhecem, que nunca nos fizeram mal, nem sombra, nem restricção de nenhuma especie.

Tais sentimentos são, ao que parece, uma dolorosa contingência dos tempos duros e maus que estamos vivendo. Nem por isso devem ser olhados com indiferença ou benevolência. Já é tempo de se criarem ligas ou associações onde os homens de boa vontade se possam unir para a luta contra o odio e a intolerancia. Qual-quer que seja o aspecto que assumam. Porque, do contrario, se tais sentimentos continuarem a desenvolver-se sem peias nem freios, com o formidavel poder de destruir e fazer o mal de que dispõe hoje a humanidade, estamos simplesmente caminhando para o caos e a aniquilamento.

LEÃO PADILHA

DE IDÉIAS

A DIFUSÃO DA CULTURA CIENTÍFICA

Uma instrução popular bem orientada, é feita de modo tal que não deixa dúvidas sobre a competência efetiva dos que a adquiriram. Não é difícil instruir, sem deixar ilusão sobre os limites desse saber e sobre as possibilidades exatas que ele confere. Por outro lado, a vida moderna está cada vez mais dependente da ciência e cada vez mais impregnada dela. Não só as pessoas cujas profissões reconhecidamente têm uma base científica, como a Medicina ou a Engenharia, que têm interesse em estar mais ou menos em permanente contacto com diferentes ciências. Hoje, todas as indústrias, a agricultura e um grande número de outras pro-

fissões sofrem uma evolução rápida, devida à introdução dos métodos e processos científicos. A técnica moderna evolue para um estado racional, muito mais preciso e de rendimento muito maior. A difusão da cultura científica traria como resultado a familiaridade de todos com as coisas da ciência, e sobretudo uma confiança proveitosa nos métodos científicos, uma consciência esclarecida dos serviços que estes podem prestar. Poder-se-ia concorrer para destruir esse estado de espírito, que considera o saber quasi um luxo, e a ciência como um domínio à parte, teórico e abstrato, sem pontos de contacto com a vida real.

MIGUEL OZORIO DE ALMEIDA

RESSURGIMENTO DO AMAZONAS

Amazonas, longínquo e esquecido, está em pleno ressurgimento. Trabalha-se com vigor, dentro dum plano bem organizado, e tudo nos faz crer que a terra distante prosperará novamente, com aquele fulgôr de outrora, que assombrou o Brasil.

E' claro e intuitivo que o Amazonas não é e não pode ser somente a borracha e a castanha. Deve-se continuar a sua plantação, exploração e exportação, sem absolutamente se abandonar os artefatos, que já estão sendo feitos embora em pequena escala.

Lembro-me de dois fatos, em que fui o autor, e que podiam ter salvo o Amazonas da poróroca ou ciclone em que foi envolvido, econômica e financeiramente. Deputado Estadual, Presidente da Comissão de Poderes, eu apresentei um projeto, que defendi em plenário, e que passou nas três discussões, morrendo até hoje na Comissão de Redação... Há muitos anos passados. De que se tratava? O Governo do Estado daria uma concessão de vinte anos à empresa que se organizasse no Amazonas para a fabricação e exportação de artefatos de borracha. Compraria toda a goma elástica e exportaria os objetos, "pagando por quilo da borracha em bruto o mesmo que a Recebedoria cobra — para a exportação". O Estado só teria lucros, e nenhum prejuízo. Começava no mundo o grande negocio de automoveis, e o Estado, exportaria os pneus. Um homem da região, riquíssimo, seringalista, vasto proprietário, o Coronel H. Contreiras de Oliveira, vendo o alcance do projeto e certo de que ele seria aprovado, organizou a empresa, entrando com sete mil contos de reis, naquela época remota quando o dinheiro brasileiro valia. Mas havia um alemão, grande negociante de borracha, sem seringais, compra e venda apenas, de nome Scholtz, Presidente da Associação Comercial do Amazonas e figura de grande projeção comercial. Opoz-se tenazmente, e conseguiu que o governo mudasse de rumo. E o certo é que o projeto dormiu na Comissão de Redação...

Seria a salvação do Amazonas. Eu via que exportar a borracha em bruto para depois ser importada manufaturada era um erro senão

— um crime. E o Coronel Contreiras de Oliveira, que ia partir para a Europa e a America do Norte, com um técnico em busca de maquinária, teve de renunciar a tudo. Foi uma desgraça para o Amazonas.

O outro fato vale a pena assinalar. Eu era administrador dos Correios do Amazonas e Acre, também há algumas décadas. Registraram nos correios de Manaus cinquenta sacos pequenos, dirigidos ao Oriente, contendo sementes da arvore da borracha, cada um com cinco quilos, peso máximo. Embarguei a remessa, e o vapor saiu sem levá-la. Houve a grita, feita ainda por Scholtz, meu amigo pessoal, mas que tratava dos seus interesses e do seu grupo.

Comuniquei o fato ao Governo Federal, mostrando o horror que, anos mais tarde, representaria essa plantação para o Amazonas e o Brasil. Outro vapor saiu e não levou as sementes. A grita contra mim, principalmente de certa imprensa, foi enorme. E dias depois recebia ordem terminante do Governo Federal, sob pena de punição, para mandar com destino ao Oriente todas as sementes.

Foram. Os Governos Federal e Estadual de então não compreenderam os erros ou crimes cometidos. E meses depois exportavam as sementes, já em barricas, despachadas pela Recebedoria. Assinalo apenas que houve uma voz na Assembléia Legislativa e num Departamento Federal, que em tempo oportuno se levantou, tudo arrostando, primeiro para criar a industria de artefatos de borracha "in loco", e segundo contra a remessa das sementes da goma elástica para o estrangeiro. Mas tudo isso passou e o Amazonas tem trabalhado e lutado heroicamente. Ressurge e não precisamos citar autores celebres para afirmar que lá o clima é bom, que aquelas terras têm tudo, — inclusive o trigo, e que dá tudo, tem o petróleo, a juta, madeiras, flora, fauna, frutos; e que um dia, quando os homens se voltarem seriamente para a terra distante da Amazonia, compreenderão enfim, que lá está a fortuna e o celeiro do Brasil.

RAUL DE AZEVEDO



LUC-ALBERT MOREAU — Le Repos

A VERDADE NA Arte Figurativa

Por FLÉXA RIBEIRO
PROF. CATEDRÁTICO DA ESCOLA NACIONAL DE BELAS ARTES

Somente pôde haver ensino de disciplina sistematizada, de conquista permanente, quando se sai do individual e se atinge o geral. Deste teôr nada mais próprio para ensinância do que a Ciencia. Ao passo que a Arte se apresenta em campo bem diverso. Em verdade, da Arte só se poderá ensinar a técnica. Exatamente porque ela é uma parte científica do padrão artístico. Aliás, o que, na antiguidade, e especialmente, na Renascença, se chamou *escola*, foi esse aparato técnico com continuidade.

Uma escola de pintura importava sempre em dois aspetos essenciaes: a)aprendizado de uma determinada técnica; b) seu emprego regular e continuado.

Embora hoje não mais exista *escola* nesse exclusivo entendimento, nesses conceito restrito de uma especie de *gramática do mestre*, — é de todo evidente que a quando se diz

que determinado pintor segue um mestre na disciplina — logo se compreende que este é imitado, por aquele, na sua técnica.

Como até o inicio do século XVII não havia *academia*, o discipulado era feito pelo *atelier* de um determinado mestre: e a escolastica se apresentava como unidade individual. Naturalmente que o aparecimento da "Academia dos Encaminhados" dos Carracci, ampliou aquele sentido. E o aluno passou a aprender uma série de disciplinas cujos programas de conteúdo eram dados por diversos mestres.

O ensino politécnico, feito por especialistas, destruiu a unidade da antiga *escola*. E passamos então, a ter um conjunto de ensinanças com multipla influencia. Embora hoje, a distancia secular, se possa agrupar determinadas tendencias e fraternisa-las numa pauta exemplar, por assim dizer, de

unidade multiforme mas homogeneas, não se negará que o antigo sentido de escola, desapareceu. E tanto este afirmar é verdadeiro que os proprios que se dizem discipulos, deste ou daquele mestre — somente o são no que toca com a composição. Talvez, por que seja a parte mais facil de imitar e reproduzir.

Aliás, a arte figurativa, principalmente no sentido mais objetivo, no que diz com o Desenho, poderá ser estimado em alguns pontos básicos.

Se nos detivessemos deante de principios didáticos, até seria possivel estabelecer-se termos bem definidos, em que qualquer de sua modalidades, tanto de hoje, como de outróra, encontrariam regras constantes. E evidente que sendo a Arte uma das atividades mais complexas do homem, — não se apresenta, na sistemática, com a mesma facilidade que encontramos na ciência.

Ainda por que a Ciência é um fenómeno genérico coletivo, de evolução sucessiva, progressiva, de alto, aperfeiçoamento técnico, de fácil generalidade, enquanto que a Arte é um fenómeno específico, até mesmo individual, sem evolução consecutiva, sem *progresso*, no sentido de aperfeiçoamento gradual. Aparece esporádica, e não se repete de maneira regular e uniforme.

Ainda assim, na parte técnica, ha sempre uma constancia que se poderá sistematizar, no sentido de conjunto didático.

Poderíamos, por este termo, apreciar-la em tres modalidades constantes: a) no que toca á *proporção*: e teríamos que considerar tres fazes: 1.º da estrutura; 2.º do contorno; 3.º da massa; b) no que diz com a *harmonia*, em outras tres, assim conceituadas: 1.º claro-escuro; 2.º relevo; 3.º movimento; c) no relativo á *unidade*: 1.º carater; 2.º sentimento do modelo; 3.º espirito do modelo.

Qualquer que seja a época, a escola ou o individuo, a crítica ha de sempre encontrar nesses pontos marcantes, os elementos básicos para uma análise e julgamento da obra de arte.

Não se negará que dentro desse programa cabem todas as tendencias, tanto as que se encaminham na rota da beleza, como as que procuram caminhos desconhecidos ou mesmo as que se congregam na deformação.

LA TOUR — Maria Josepha de Saxe
— Delfina de França



DEGAS — Dançarina.

Aliás, na pintura ha determinadas coisas que são existenciais: ou se manifestam, ou não se trata de Arte.

Como a arte não evoluciona, e muitas vezes pintores de tres e quatro séculos volvidos — não encontram nem continuadores nem rivais nos dias que correm — seríamos forçados a reconhecer que os passadistas sobrevivem e não nos olvidaram, ou deles não nos esquecemos, — exatamente por que, no decurso daquelas centurias, eles conseguiram vencer aquelas determinadas coisas — cujo equipamento constitue a *pintura*.

E poderíamos pensar até em individuos opostos, artistas que usam processos divergentes, e que se colocam equidistantes uns dos outros na contemplação — objetiva ou subjetiva da natureza. — Naturalmente que os nomes de Leonardo da Vinci e Frans Hals logo se apresentam na aurora do nosso discurso.

No entanto, ambos atingiram a graus inimagináveis de perfeição. Por caminhos opostos bateram com emoção e badaladas de poesia, no pórtico mesmo da verdade.

Um grande livro — “Chopin”, de Franz Liszt, cujo texto original a “Americ-Edit.” — publicou há tempos no Rio, merece ser evocado neste ano que marca o centenario da morte do grande polones. Escrito em francês, o livro de Liszt foi redigido em comum com a Princesa Caroline Sayn-Wittgenstein, aparecendo sob o nome do pianista e compositor emérito. Engloba o volume nove capitulos: “Caractère general des oeuvres de Chopin”; “Polonaises”; “Mazourkes”; “Virtuosité de Chopin”; “Individualité de Chopin”; “Jeunesse de Chopin”; “Lelia”; “Derniers temps, derniers instants”; e “Conclusion”. É, no sentido rigoroso do termo, um estudo classico, uma análise da obra e um retrato do homem, uma homenagem cuja força maior provem de uma percuciente atitude critica, um julgamento de Chopin a que o tempo não trouxe alterações. O trecho inicial, em que trata do sentido renovador, e mesmo revolucionario do genio de Chopin, suscitando tais e quais incompreensões do publico, pode ser hoje aplicado a não importa que compositor, realmente grande, que nos traga uma linguagem nova. Excelente a defesa que Liszt faz da abstenção de Chopin de escrever para orquestra, talvez até insistindo demais no ponto, que nos parece tão natural, de Chopin estar associado exclusivamente ao piano, como se essa defesa eloquente partisse do “arrière-pensée” de um compositor de obras sinfônicas...

A técnica original, a poesia, os recursos proprios da expressão chopiniana, são aqui fixados. Não menos o caráter nacional da sua musica, mais evidente nas composições da primeira fase. É Chopin uma figura universalmente prestigiosa e representativa da arte polonesa. O “leit-motiv” do patriotismo de Chopin aflora na página de Liszt sobre a “Marcha Funebre” da Primeira Sonata, depois de colocar o autor algumas restrições acerca da legitimidade de adequação da forma classica ao fantasioso e espontaneo sentimento do mestre:

“Ouvi, certa ocasião, a seguinte afirmativa, de um jovem, seu compatriota: esse trecho não poderia ser escrito senão por um polaco. Com efeito, tudo que o cortejo de uma nação em luto teria de solene e pungente, encontra-se no dobre funebre que aqui parece acompanhá-lo. Todo o sentimento de mística esperança, de apelo religioso a uma sobrehumana melancolia, a uma clemencia infinita, a uma justiça que faz conta de cada tumulo e de cada berço; todo o pesar exaltado que ilumina com a luz das aureolas tantas dores e desastres, suportado com o heroismo dos antigos martires cristãos ressoa nesse canto, cuja suplica é tão desola-



Chopin visto

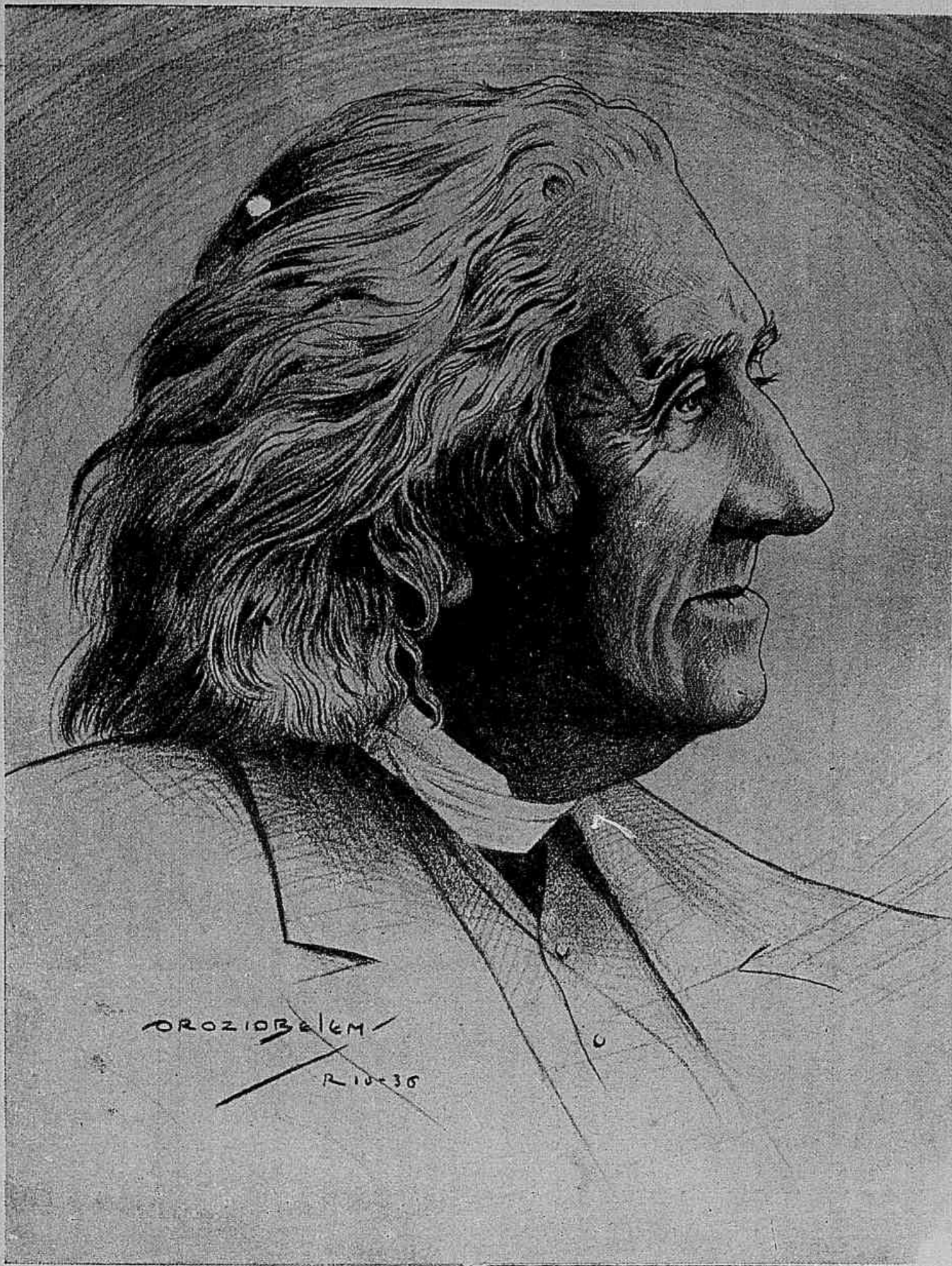
da... Sente-se aqui que não é somente a morte de um herói que choram, enquanto restam outros heróis para vingá-lo, mas a morte de uma geração inteira que sucumbiu, não deixando atrás de si senão as mulheres, as crianças e os padres...

A leitura do fragmento não irá talvez sem causar um certo espanto do leitor, e essa sensação provem do fato de que a historia polonesa se repetiu terrivelmente. O genio de Chopin, entretanto, permanece unico. E é bastante, de certo, para a gloria musical de uma nação.

Creio que a musica de Chopin fará mais pelas reivindicações polonesas do que a ação de diplomatas e politicos. Os recitais de suas obras, os programas “Chopin” multiplicam-se em todo o mundo, com especialidade este ano, e pianistas do porte de um Arthur Rubinstein defendem a legitima tradição interpretativa do poderoso romantico.

Com referencia à interpretação da musica de Chopin, cumpre assinalar que ele, pelo exemplo que deu ao piano, nunca autorizou o enlanguescimento sentimental dos pianistas que chegam até a desfigurar a sua estrutura ritmica.

Chopin, sabe-se, executando suas obras, era um modelo de equilibrio, de discreção e de sobriedade. Matizava maravilhosamente, embora a debilidade do fisico o compelsse a empregar apenas um pequeno volume de som. Só tinha, de resto, a intenção de exprimir o valor musical e poetico das obras, deixando a outros o acréscimo das cores fortes que trariam à plena luz a essencia do seu pensamento. Não faltam os depoimentos autorizados, referentes ao pianista que ele foi, sabia e voluntariamente encerrado dentro das suas qualidades e limitações naturais. Chopin dizia: “eu apenas indico, sugiro, e deixo aos meus ouvintes o cuidado de



por LISZT

EURICO NOGUEIRA FRANÇA

rematar o quadro". Penso que, desta frase, também podem ser tiradas consequências fecundas, relativamente à interpretação de suas obras, que não raro são movidas por um sopro magnífico de heroicidade. Em dois amplos capítulos dedicados, respectivamente, à Polonaise e à Mazurka, estabelece Liszt, no seu volume, o caráter contrastante das danças nacionais a que Chopin dedicou o melhor do seu gênio. Não faltam cores ao estilo do autor para nos evocar a majestade da Polonaise, que servia às exhibições da galanteria de senhores aristocratas e guerreiros, ou para nos pintar a graça apaixonada da Mazurka, tão essencialmente feminina. Descreve Liszt "as lentas inclinações, os empertigamentos subitos, as finuras da pantomina muda adotadas pelos seus avós (os avós dos contemporâneos de Chopin), enquanto eles desfilavam na Polonaise como em uma parada militar, não dei-

kando nunca ociosos os dedos, ocupados seja a alisar os seus longos bigodes, seja a brincar com o punho dos sabres. Ambos faziam parte integrante de suas figuras, formando objeto de orgulho idêntico para todas as idades, quer o bigode fosse louro ou branco, quer o sabre fosse ainda virgem e cheio de promessas, ou já apresentando mossas e avermelhado pelo sangue das batalhas". A descrição é bem ao gosto da época, e o caprichoso meneio dessas longas frases adapta-se saborosamente ao assunto tratado. Não há dúvida de que o livro de Liszt sobre Chopin serve-nos tanto de depoimento acerca do polonês como do húngaro. Ao mesmo tempo que nos retrata o primeiro dá-nos de Liszt, interprete favorito de Chopin, um testemunho dos seus dons literários, da sua esplêndida cultura, e da generosidade das suas atitudes. Em que pese à união estreita de Chopin e de Liszt, não faltaram entre

os dois, como se depreende por exemplo da correspondência do último a Maria D'Agoult, motivo de ressentimentos. Mas após a morte do autor das "Baladas", Liszt criou, com o seu livro, um monumento paralelo ao que erigiram a Chopin em Paris. Preito de amizade, não é menos uma fonte de que não se deixam de servir os biografos de Chopin, como o fez Pourtalès, e se reveste de inegável interesse para os que praticam ou amam a sua música.

Prosseguindo no estudo de alguns dos motivos que inspiraram Chopin, diz-nos Liszt, quanto à Mazurka, "que todas as mulheres polonesas (ao tempo em que foi escrito o livro), tem como um dom inato a ciência dessa dança. (...) Chopin exteriorizou o conteúdo poético que não estava senão indicado nos temas originais das Mazurkas verdadeiramente nacionais. Conservando o seu ritmo, ele enobrecer a melodia, e ampliou as suas proporções, intercalou claros-escuros harmônicos, tão novos como os assuntos aos quais ele os adaptava, para pintar nessas produções, que ele gostava de nos ouvir chamar de "tableaux de chevalet", as inumeráveis emoções de ordem tão diversa que agitam os corações enquanto dura a dança, e sobretudo nesses longos intervalos, quando o cavalheiro tem de direito um lugar ao lado da sua dama, da qual não se separa".

Sobre as "Mazurkas" que são musicalmente de extraordinária riqueza, vale a pena transcrever ainda uma das variações literárias de Liszt: "Reina, em grande número das "Mazurkas" de Chopin, uma extrema diversidade de temas e impressões. Muitas são entremeadas da ressonância das esporas; mas, na maioria, distingue-se antes de tudo o imperceptível atrito do "tulle" e da gaze sob o sopro ligeiro da dança; o ruído de leques, o roçar do ouro e das pedras. Algumas parecem sugerir o prazer corajoso, mas penetrado de ansiedade, de um baile à vespera de uma investida; percebem-se através do ritmo da dança os suspiros e os adeuses desfalecentes cujos prantos ela esconde. Outras parecem traduzir as angústias, as penas e as magoas secretas trazidas a festa, cujo ruído não chega a apagar os clamores do coração".

Há muito de fantasia verbal em tudo isso? O tom romântico empregado por Liszt já se distancia bastante do gosto do nosso tempo? Talvez seja assim mas, de qualquer forma, essa constatação nada retira à autenticidade do retrato de corpo inteiro que ele nos traçou, de um dos compositores culminantes do século XIX, cuja obra conserva a fragrância e a poesia do momento em que foi criada.



VERÃO EM COPACABANA
Concepção do pintor Auke Anne Tadema

CÓPIA E DEFORMAÇÃO

GUSTAVO BARROSO

DÁ ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS
DIRETOR DO MUSEU HISTÓRICO

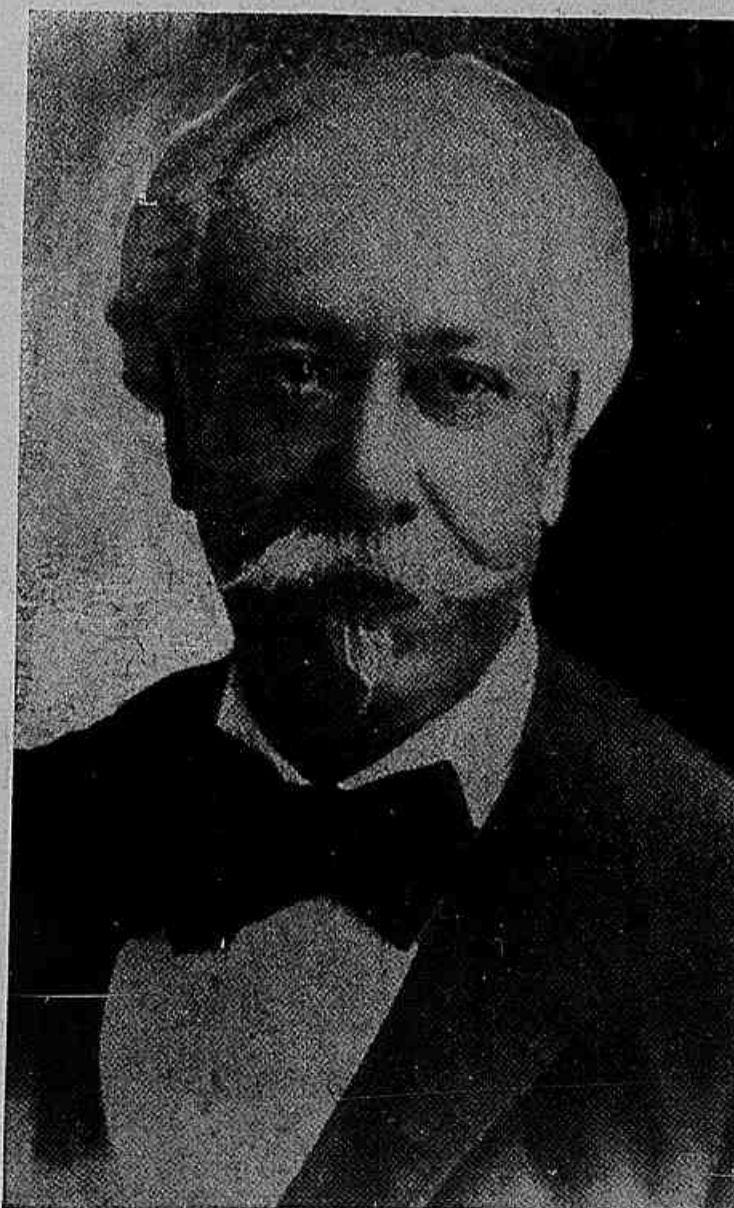
A arte geralmente denominada moderna não passa de um dos aspectos da revolta geral que avassala o mundo contra todos os cânones da tradição, da harmonia e da verdadeira beleza. É, por isso, nada mais e nada menos do que uma deformação, a qual se manifesta nos domínios das linhas, das cores e das formas. Exprime a decadência duma sociedade, que, tendo baixado da esfera do divino à dos simples valores humanos, ressalva para o âmbito crepuscular das inversões do gosto, destinadas a tirar o sentido superior da vida e a rebaixar ainda mais a humanidade, esta humanidade presente sem a alta visão das coisas superiores.

Arte comunista, afirmam alguns. Todavia os Sovietes já a condenaram, taxando-a de expressão genuína da decadência burguesa e negando-lhe, por isso, qualquer sentido revolucionário. Eis porque vemos, como seus corifeus e protetores, indivíduos da alta burguesia, os quais, como os perús da celebre fabula de Florian sobre a lanterna mágica, pasmam diante das obras de pintura, escultura e arquitetura que certos artistas realizam por absoluta incapacidade de se elevarem mais alto e outros por interesse meramente especulativo e pessoal. Estes, lisonjeando o esnobismo dos endinheirados, sabem muito bem o que estão fazendo e acumulam proventos, eríbora à custa de sua criminosa complacência para com uma arte que eles próprios não podem estimar. Um dia, sua consciência despertará e os acusará sem remissão desses atentados contra a Beleza, a qual será sempre, na definição platônica, pelos séculos dos séculos, o esplendor do verdadeiro.

Caem-me da pena estas considerações iniciais diante do mural de Portinari sobre a Primeira Missa no Brasil. Seria

um despropósito ou um dispauterio negar valor a esse grande artista da paleta. Desenhista admirável, colorista insigne e retratista cheio de emoção e humanidade no trato das figuras, somente pôde ser considerado como um daqueles que corteja o gosto da decadência burguesa, ou tapando os ouvidos da alma aos gritos da sua consciência artística, ou rindo-se por dentro da sua blague que incendeia os elogios dos basbaques. Mas ocorre nesse quadro *soi disant* histórico coisa mais grave do que a deformação à maneira de Picasso. É a cópia, sim, diga-se a verdade, dêa em quem doer, a cópia da obra clássica e magistral sobre o episódio, a de Vitor Meireles. Não poderá haver ofensa nessa afirmação, desde que ela seja provada documentadamente por a + b, como se fará adiante.

O quadro de Vitor Meireles, represen-



Vitor Meireles

tando a Segunda Missa celebrada no Brasil que amanhecia, visto como à primeira não assistiram os índios que nele figuram, é uma criação da imaginação do grande pintor. Criação própria e feliz, plenamente realizada. Ele viu a cena em espírito e a debuxou na tela com alta mestria, pondo ao lado da técnica pictórica dos agrupamentos dos personagens e das incidências da luz, a veracidade da paisagem brasileira e o perfeito conhecimento dos tipos, das indumentárias e das armas da época.

Sem vôo, a imaginação de Candido Portinari, de asas cortadas pelo espírito da deformação sistemática, nada criou. Abeberou-se na grande concepção de Meireles e a copiou, deformando-a, nos mais ínfimos pormenores. Substituiu o ambiente natural por linhas cruzadas e zonas de luz geométrica. Não tem paisagem. Não tem grandeza. E acumula os personagens em grupos compactos, que nada mais fazem do que repetir no estilo de Picasso aqueles que a pintura clássica do catarinense imortal perpetuou na tela.

Senão, vejam-se por partes, comparando-as, as duas obras:

a) A linha sinuosa dos montes e arvores do quadro de Vitor Meireles se desdobra irregular e a perder-se na perspectiva natural que o desenho e as tonalidades exprimem. Os troncos das palmeiras e árvores se mostram onde devem aparecer.

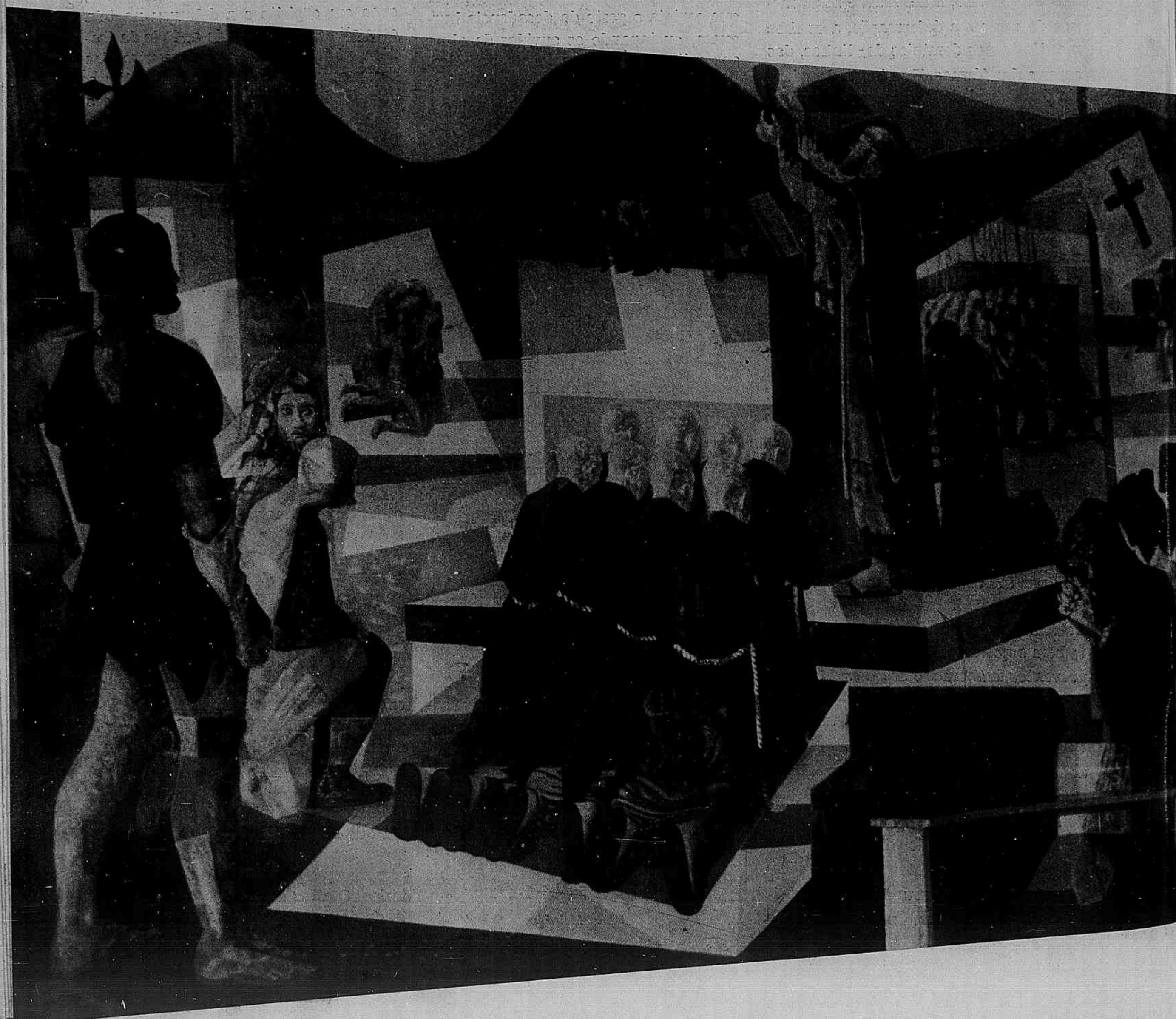
No mural sem paisagem de Candido Portinari, os troncos se transformam em colunas quase simetricamente dispostas e a linha sinuosa dos morros, visivelmente inspirada na de Meireles, se desenvolve com certa regularidade geométrica e pesada.

b) O centro da tela de Vitor Meireles, em que incide a maior dosagem de luz natural, é ocupado pelo altar e pelos personagens principais do episódio histórico. O altar é um cubo sobre um estrado de dois degraus, com flores, can-

delabros, o Evangelho aberto, e dele se ergue, dominadora, a grande cruz dos lenhos nativos falquejados pelos carpinteiros das náus. Frei Henrique de Coimbra eleva nas mãos o calice e o acólito, de joelhos, suspende ritualmente o bordo inferior da casula. Ao lado direito do altar, prosternam-se os frades em posições nitidamente individuais. Ao esquerdo e em frente, circulando Pedro Alvares Cabral, os capitães da frota. E mais à frente, aberto, se vê o baú em que vieram as alfaias para o Santo Sacrifício.

Portinari copiou toda essa parte central de Victor Meireles, deformando-a propositadamente. O mesmo altar cubico, os mesmos degraus, mas suspensos do solo, a mesma incidencia principal da luz em planos geometricos, irrealis e duros; as mesmas alfaias, identica posição do oficiante e identica do acólito. Não soube, não ponde ou não quis pintar outra estação da missa. O acólito, ao invés de suspender ritualmente só a fimbria da casula, suspende desmesurada parte dela. Se ela tivesse tal dimensão, arrasta-

ria pelo solo, quando não suspensa, o que mostra a sistematica deformação em tudo. Os frades se encontram na mesma posição em que os pôs Meireles em seu painel. Perderam, no entanto, as posturas individuais e se apresentam em duas filas paralelas com expressão coletiva, sentido de massa humana e não de individualidades conscientes. O grupo das figuras principais, com o mesmo sentido, sem que se reconheça o Capitão-Mór e seus oficiais, está também colocado como Meireles o colocou em relação ao altar. Até o baú Portinari copiou de Victor Meireles e pôs aberto, como o deste, simplesmente voltando, ao contrario, no mesmo ponto do quadro. Somente faltou a cruz de troncos de arvore, simbolo dominador da cena, *et pour cause*... Como seria escandaloso que esse simbolo não figurasse numa representação cristã, Portinari colocou-o inclinado, a cair, numa bandeirola retangular elevada duma haste, que corta o seu quadro e parece sair do grupo dos Capitães que assistem à missa. Todavia, ainda nisso foi buscar





a lição do mestre: na tela de Meireles, um pagem ou alferes, ajoelhado ao meio dos frades sustem o pendão da Ordem de Cristo. Repare-se bem nas duas pinturas e se verá se há ou não razão no que se afirma.

c) Victor Meireles dispôs na meia luz ou na sombra, à distancia, o rosto dos tripulantes da Armada Cabralina. Uns de joelhos. Outros inclinando-se. Outros de pé. Marujos com suas gorras na mão, homens de armas com seus piques, todos se amostram **individualmente**. Formam u'a multidão, mas cada qual, no seio dela, conserva sua atitude peculiar, e seus característicos próprios de vestuário, de atitude ou de fisionomia. Portinari copiou à maneira comunista a ideia do Mestre. Dividiu essa gente em grupos geometricos, sem caracter individual nos seus componentes, verdadeiros blocos coletivos, pétreos, destituídos de vida, com as mesmas atitudes, as mesmas

roupas e as mesmas armas, apagadas as suas fisionomias pessoais na inexpressão da massa.

d) Chega-se agora ao ponto principal da copia infeliz e deformante. No grupo principal das figuras de Vitor Meireles, apresenta-se na posição de quem se vai ajoelhar um homem alto, de elmo emplumado e meia armadura do século XVI. É, naturalmente, o oficial comandante da gente armada requerida pelo serviço de segurança militar do desembarque. Logo atrás dele, se vê um soldado de pé e cabeça meio inclinada, de couraça e morrião, apoiado em uma alabarda. Portinari copiou essa figura, pondo-lhe elefantiasse nas pernas, e colocou-a, invertida, na extremidade direita do seu mural.

Como se vê desta sinopse e comparando as duas obras de pintura, na de Victor Meireles tudo é criação propria e na de Candido Portinari tudo é copia deformada da mesma criação.

Que a chamada arte moderna deforme à vontade as suas manifestações, isso é lá com ela. Cabe a responsabilidade aos artistas que se prestam a esses artificios pecaminosos e aos enobes que lhes batam palmas. Mas que ela decalque e desfigure aquelas obras que são padrões classicos da nossa arte é o que não pode passar sem protesto da parte dos que defendem as glorias verdadeiras e as tradições respeitáveis do Brasil.

A paisagem na Missa de Victor Meireles caracteriza seu local: o Brasil. A falta da paisagem brasileira torna a missa de Portinari internacional.

POR QUE NÃO SAIU MAIS A PROCISÃO DE CINZAS?

POR PADUA DE ALMEIDA

Em 1862, o Rio de Janeiro ainda sonhava. O romantismo — como um sol resvalando sobre um velho parque de tanques de ferro, alamedas de lírios e palmeiras reais — teimava em não partir das almas. Nos jardins das casas, de longas cimalthas de faiança do Pôrto, havia sempre um caramanchão de jasmims ou de rosas-chá, estendendo os seus galhos docemente aos que dele se aproximavam.

O Crucificado, do andar d' "A Impressão dos Chagas".



Os jornais dessa época anunciavam umas lindas "Choupanas Românticas", em Niteroi a próprias para os veranistas e os casais em lua de mel, e a "Pomada das Castelãs" ou a "higiene da idade média", um verdadeiro assombro para o tratamento da pele das senhoras.

Estudava-se muito piano. Em cada rua, às primeiras horas do dia ou ao cair da noite, ouviam-se as notas cabeceantes de um Pleyel, tocado por mãos tristonhas.

A vida social era monótona. As sobrecasacas, as cartolas e as barbas dos titulares da Côrte davam um aspecto de tremenda solenidade às reuniões de qualquer natureza, desde os congressos políticos ou científicos até os bailes, onde as abas das casacas e a barra das saias de gaze das damas se transformavam em asas inquietas, sob a luz das luminárias de cristal da Boêmia.

*

"Vem aí a procissão! Vem aí a procissão!"

E todos corriam. Ainda extenuado pelos excessos do carnaval que passara, o povo surgia das janelas e das portas e, num instante, as ruas ficavam inundadas de pessoas que vinham de todos os pontos da cidade.

São Gualter, Bispo e São Luiz, Rei de França



Os "chalets" de calhas enormes e inseguras com as suas águas furtadas cobertas de limo e de pó, eram o cenário do grande espetáculo religioso que se ia assistir.

O assunto mais em voga nas palestras das casas de família, durante o jantar, e nas esquinas, era a estátua de D. Pedro I, no Largo do Rocio, que deveria inaugurar-se naquele mesmo mês.

No dia anterior, terça-feira de carnaval, o "jornal do Comércio" publicou, como sempre, num rodapé da primeira página, o folhetim do romance "A alma do outro mundo", de Ponsen du Terrail.

E, afinal, naquela quarta-feira de cinzas, 5 de março de 1862, o mesmo periódico trazia um tópico sob o título "Prodígio carnavalesco", no qual salientava, entre outros comentários mais ou menos sizudos o aparecimento da "mulher-monstro", naquele carnaval.

"Mas entre tudo quanto o espírito inventor criou para o entretenimento desses tres dias de efervescencia folganzã, nada excedeu à admiravel mulher-monstro, que se erguia numa altura superior ao primeiro andar de qualquer sobrado, e cujo balão apresentava um bôjo descomunal".

Com roupas vistosas, ela ia dizendo frases espirituosas e gesticulava com muita graça.

Essa "mulher-monstro", como se vê, foi a nota de mais trepidante sensação naqueles tres dias de alucinação popular. Passados, porém, os festejos de Momo, os homens graves do tempo voltaram às suas atividades imediatamente. Um anúncio em um dos diários dessa quarta-feira de cinzas refletia, em côres soturnas, como uma água-forte arrepiante e grotesca, esse regresso aos assuntos respeitáveis. O tal anúncio foi publicado por um leiloeiro bastante conhecido no Império, o qual fazia saber a seus freguezes que, às onze horas daquele dia, iria vender, ao bater do martelo, quatro bons escravos: "Maria, parda, para todo o serviço; Antônio, crioulo; Serafim, dito;

Santa Rosa de Viterbo e Santa Margarida de Coriona



Nossa Senhora da Conceição.

e um moleque; bem como José, Mina, carregador de café e para todo o serviço". À tarde daquela quarta-feira de cinzas, a multidão rompia de todos os lados dos bôcos e das ruas, e as cabeças, ansiosas, enchiam as janelas "de guilhotina" dos casarões, para ver passar a procissão, a mais faustosa e espetacular do Império.

Imaginem que, diante dos olhos um tanto assustados do povo, desfilavam os irmãos da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência, em tôda a sua grandeza. Dez gigantescos andores constituíam o motivo principal daquele cortêjo impressionante. As imagens eram admiravelmente esculpidos em madeira pelos melhores artistas do gênero, de Portugal. Uma delas, entretanto, se destacava pela sua magnificência e originalidade: era o Crucificado do ancor "A Im-



Manto bordado a ouro.

pressão das Chagas". Ali o Senhor, entre os braços do madeiro, envolto num halo faiscante, abria suas seis asas, e em suas sagradas feridas cintilavam topásios do tamanho de um cruzado de prata.

O andor, arrastador sobre roldanas, desde o templo até a rua, era, em seguida, levado nos ombros de doze irmãos da Ordem. Sua altura ultrapassava os primeiros andares dos edifícios da cidade. Quando passava, à luz vermelha dos ciriais, entre as insignias e os mantos bordados a ouro, não havia quem não se sentisse empolgado pela fé.

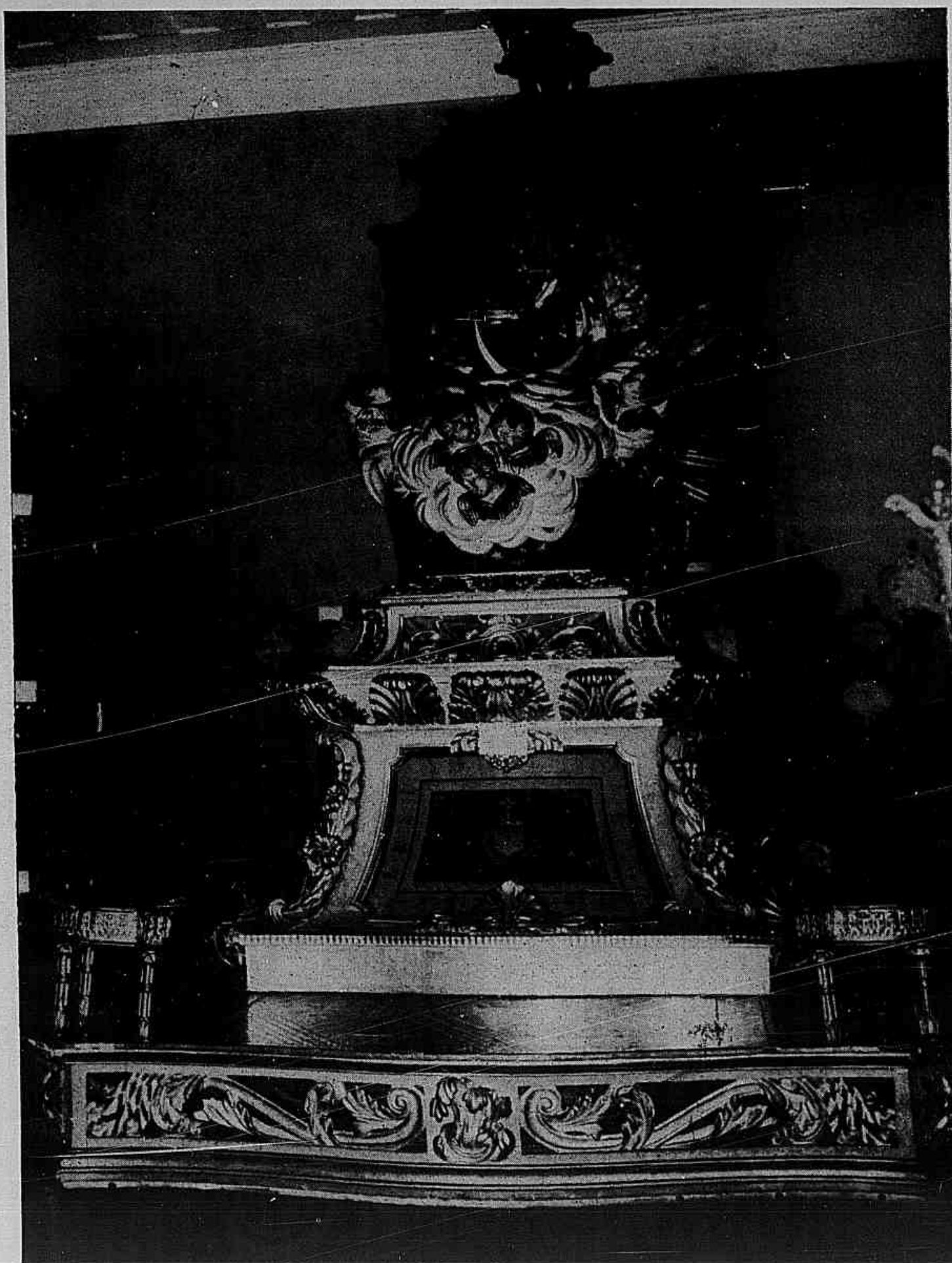
Os Irmãos consideravam uma grande honra haver carregado sobre as espaldas o andor d' "A Impressão das Chagas", e de tal maneira porfiavam por merecer essa deferência dos organizadores da procissão que chegavam a fazer ofertas de vultosas importâncias em dinheiro em benefício da Ordem, a fim de conseguir o seu intento.

Depois do suntuoso desfile, os seus ombros ardiam, manchados de equimoses, às vezes se rasgavam, em verdadeiros dilaceramentos, de onde escorria o sangue, mas isso os extasiava, e as suas almas transbordavam de satisfação

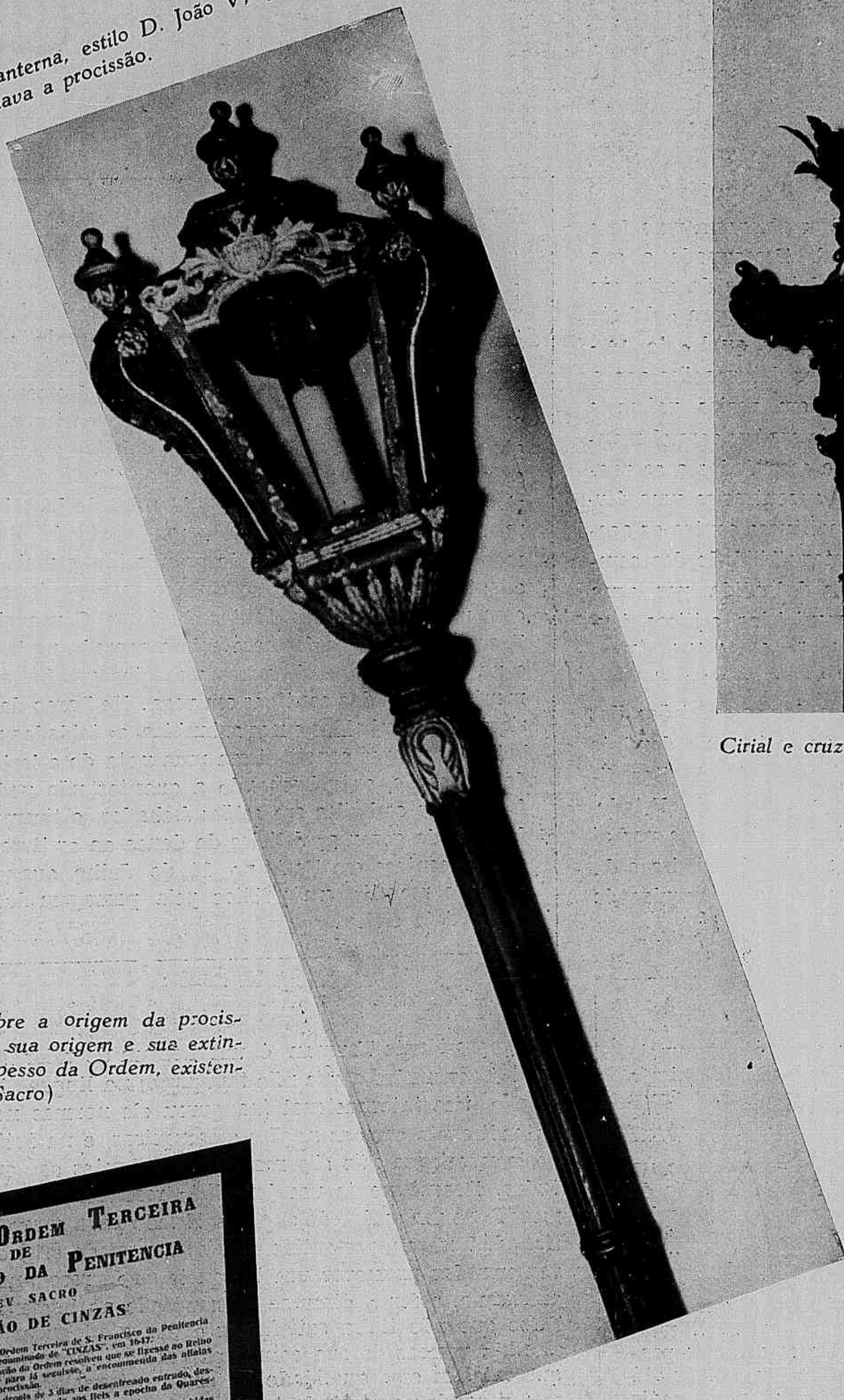
mística. Haviã suportado o pêso do Senhor Crucificado, um dos mais belos do mundo... Que melhor gloria para si e para as suas familias? É verdade que aquilo lhes custava um sacrificio formidável. Seus ossos estalavam; os varais do andor lhes entravam, como lanças em brasa, nas carnes ofegantes; seus pulmões arquejavam sob a pressão daquela massa inexorável. mas que lhes importava? Aquilo será para o seu misticismo sempre ardente como outras tantas chagas de Jesus... que Deus lhes traçava nos ombros mortais... para que êles se pareassem um tanto com o Salvador da Humanidade...

Mas, uma imensa decepção aguardava os irmãos da Ordem Terceira, naquele ano. O povo, ainda com os fermentos da loucura do dia precedente, longe de pedir perdão ao Senhor pelos pecados que havia cometido, não recebeu a procissão com o respeito devi-

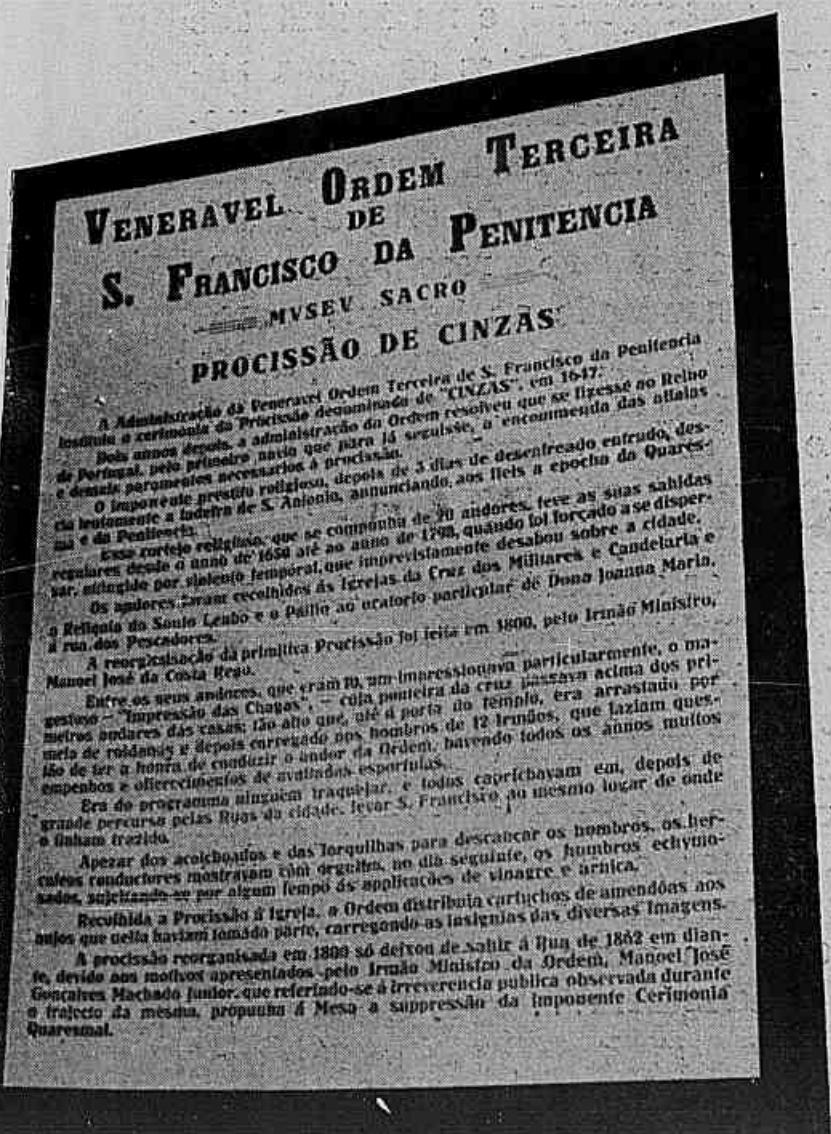
Andor de Nossa Senhora da Conceição.



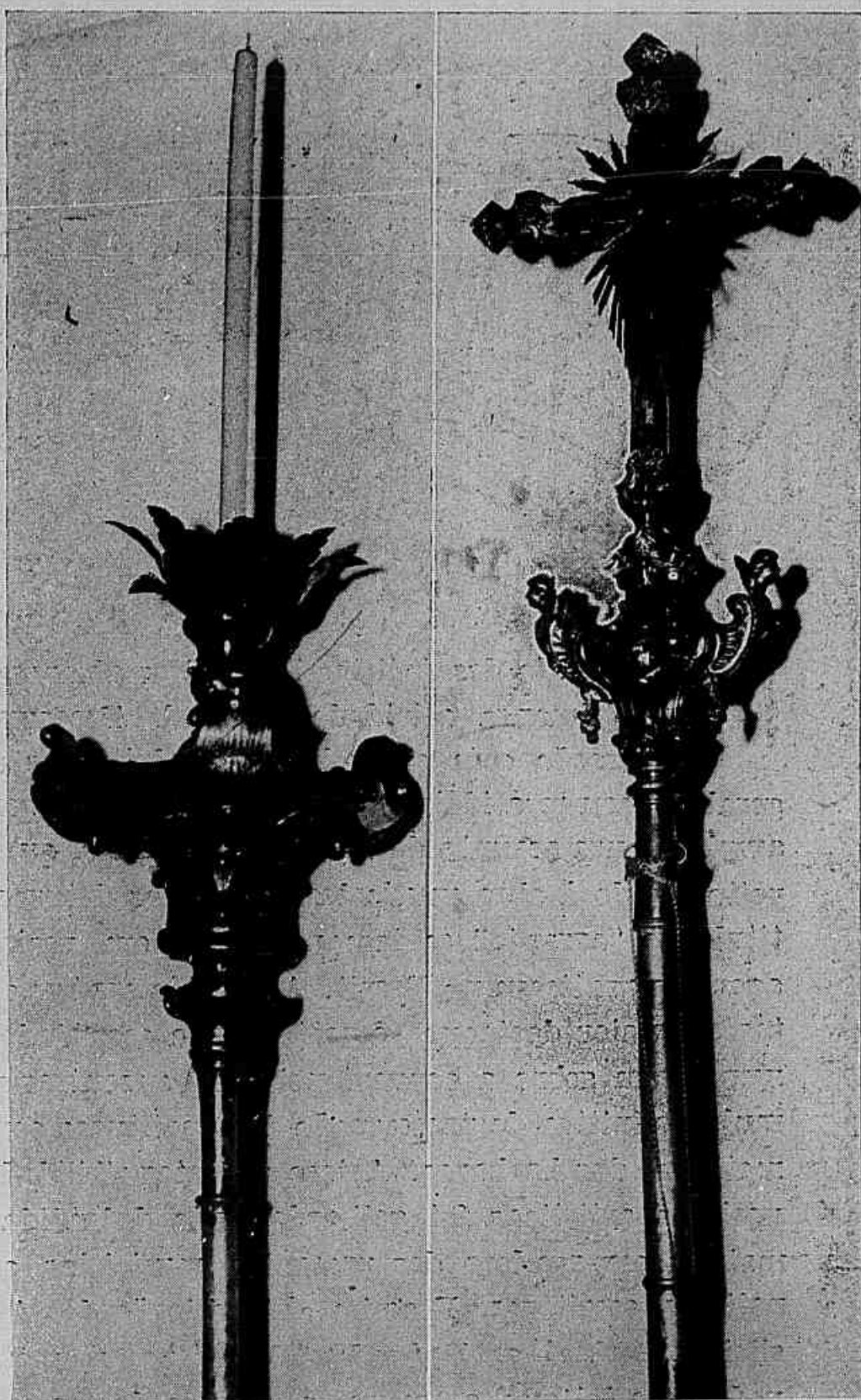
Lanterna, estilo D. João V, que iluminava a procissão.



Explicações sobre a origem da procissão de Cinzas, sua origem e sua extinção (cartaz impresso da Ordem, existente no Museu Sacro)



do. À passagem dos andores, a canailha põe-se a murmurar gracejos impiedosos e a rir cinicamente, como se estivesse assistindo às cenas dos tres dias gordos que passaram.

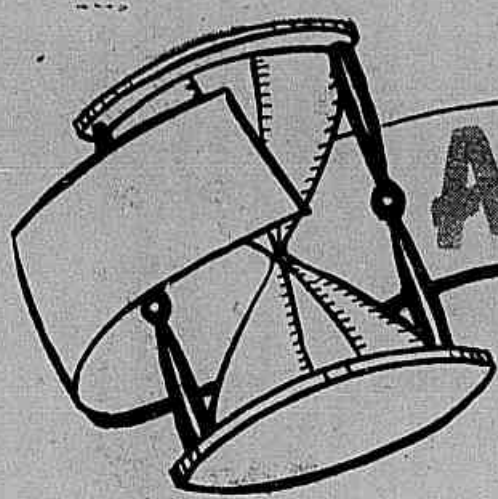


Cirial e cruz (de prata)

Revoltado com o fato, o Ministro da Ordem, Manoel José Gonçalves Machado Júnior, propôs à Mesa, na primeira reunião realizada, que se suprimisse para sempre a saída da procissão de Cinzas.

E assim, desde 1862, os dez andores, as maravilhosas capas bordadas, os ciriais, as lanternas, as insignias, as cruces, e tudo que representava a espendida Cerimonia Quaresmal, adormeceu nas sombras da velhíssima igreja de ouro ao lado da Capela do Convento de Santo Antonio.

É temos a impressão de que, na fisionomia das imagens impassíveis, que hoje pertencem ao museu da Ordem, e que nos olham através dos vidros dos antigos armários de jacarandá, há um sulco de tristeza, muito suave, mas profundo. É talvez, um pouco de ressentimento pela impiedade dos cariocas daquele tempo, já tão distante. . .



ACONTECEU EM 30 DIAS

A Associação dos Artistas Brasileiros atravessa uma fase de imensa atividade cultural. Preocupada a sua direção com os problemas palpitantes da arte em geral, lançou-se a idéia de uma mesa redonda para o debate amplo de um assunto da maior importancia, qual o do respeito devido à obra musical em face das deturpações que a titulo de "arranjo" se tem praticado em varios países e agora se praticam no Brasil. A reunião contou com elementos do maior destaque especialmente convidados a se pronunciarem sobre a conveniencia de encontrar-se uma formula definitiva de preservação das partituras contra as acometidas dos barbaros. A tese da intangibilidade das composições artisticas foi galhardamente defendida por uma maioria esmagadora dos presentes, musicistas, criticos, jornalistas, escritores. E assim a Associação dos Artistas Brasileiros enviará ao Poder Legislativo um memorial em que pede uma lei que assegure a pureza das composições dos mestres, para que as mesmas, uma vez caidas no dominio publico para livre execução sem cobrança de direitos, fiquem "ad-perpetuum" sob a tutela vigilante do Estado, guardião das reliquias sagradas da Nação. Isso que por aí se anda fazendo com as glorias da musica brasileira e da musica universal é um crime que provoca a repulsa de todas as consciencias honestas.

E stá aberto inquerito para apurar a denuncia formulada pelo vice-presidente da Comissão Central de Preços de que havia sabotadores pretendendo inutilizar os esforços do Brasil na questão do trigo. O assunto é dos que não podem, de maneira nenhuma, ficar no esquecimento, arrastando-se na sombra até que ninguém mais trate dele. Materia de mais alta relevancia na vida economica do país, relacionada com um movimento financeiro que atinge anualmente alguns bilhões de cruzeiros, não é licito trata-la displicentemente. De um certo modo, o que está em jogo o Ministério da Agricultura, que assumiu a responsabilidade de assegurar a nossa libertação dos fornecedores estrangeiros dentro de curto prazo. A esse compete decidir a questão e verificar até onde são verdadeiras as acusações levantadas e pedir ao governo a punição imediata dos culpados, estejam onde estiverem. Os produtores nacionais inverteram nessa cultura basica as suas fortunas, convencidos de que seriam suficientemente amparados. Os concorrentes do exterior são gente habituadas a lutas tremendas para não perder os campos conquistados. E só não influirão para nossa derrota se não puderem. E' com o sentido nesses aspectos que as autoridades precisam agir prontamente, na defesa de um dos elementos fundamentais da nossa subsistencia. O trigo é arma de guerra.

B em andou a Prefeitura do Distrito Federal tomando a peito a direção dos festejos carnavalescos. Foi uma iniciativa que deu imediatamente seus frutos, e todo o mundo pode constatar a importancia dessa intervenção do governo da cidade no triduo de Momo. Homem que conhece diversos países onde o Estado costuma dirigir certas manifestações de jubilo coletivo auxiliando as massas com recursos que elas por si não conseguiriam reunir, o General Angelo Mendes de Moraes deliberou proporcionar ao povo uma serie de divertimentos que se revestiram de grande imponencia e se adaptaram nitidamente ao carater carioca. Tivemos, com um brilho nunca dantes obtido o Carnaval da Praça Onze, com a formosa galera armada no jardim e na qual milhares de pares saracotearam freneticamente ao som das cantigas em voga. No Largo da Carioca, nos arrabaldes e nos suburbios, os tablados para bailes populares constituiram uma nota de colorido e de animação, entusiasmando a quantos não podiam frequentar os bailes em salões fechados, e tiveram a fortuna de gozar as delicias da dansa ao ar livre, tal como acontece em Paris no 14 de Julho, quando o povo se regosija em publico pela passagem da sua maior data civica.

O presidente Truman é um homem de valor bastante expresivo e que não tem papas na lingua. Na politica internacional inaugurou ele normas novas de entendimento com as nações estrangeiras, e na intimidade norte-americana não são menos interessantes as suas atitudes. Recentemente um jornalista resolveu criticar a nomeação de um amigo do chefe de Estado para cargo de confiança. Truman, ressentido com os termos da critica, resolveu mandar promover um banquete ao recém-nomeado, presidiu-o, e fez o discurso de saudação ao homenageado. Disse que não tinha satisfações a dar a ninguém quando escolhia pessoas de sua confiança para os logares publicos que exigiam essa qualidade. E como o jornalista houvesse se desandado no vocabulario, o presidente mostrou que tambem era forte em expressões agressivas. O primeiro magistrado norte-americano, segundo as agencias telegraficas que nos transmitiram a noticia, chamou seu adversario de SOB, cousa que ignoramos o que seja, mas os correspondentes afirmaram que era uma cousa feia, cada uma dessas letras iniciando uma palavra contundente. Não nos disseram como se escreve essa historia em inglez, e foi pena, porque só pelas iniciais não adivinhamos o que venha a ser um S O B. Em todo o caso, nos disseram que o sr. Truman não manda que outros o representem nessas ocasiões em que tem de dar o troco aos que o melindrem...



SACRARIO
Téla de Augusto Bracet



○ Romualdo tinha nascido, talvez, para os mais altos destinos; mas como os pais se esqueceram de mandar educá-lo e ele mal sabia ler e escrever, o mais que arranhou foi ser soldado do exército, e, depois de obtida a sua baixa, continuo de secretaria.

Releva dizer que o Romualdo só deixou crescer as barbas depois de continuo; se as usasse quando era soldado e guerreava no Paraguaí, chegaria a capitão pelo menos.

Mas que continuo! Alto, gordo, erecto, com aquelas apulentas suíças brancas a emoldurar-lhe a cara, sem bigodes, mais parecia um magistrado, cuja figura estava ao pintar para presidir a um júri sensacional, e essa ilusão só se desfazia quando ele falava, porque o Romualdo, benza-o Deus! por mais que compuzesse a sua fisionomia austera e veneranda, tinha o estilo e a prosódia do "povo da lira". Calado, era um juiz; falando, um capadócio.

Os praticantes amanuenses e mais funcionarios, do chefe de secção para baixo, envergonhavam-se de o chamar a toque de campainha; que naquele tempo as campainhas burocráticas ainda não eram elétricas. As de hoje são menos humilhantes, não sei se devido à electricidade, se à ausência do badalo. O badalo foi sempre impertinente e autoritário.

Era, em verdade, pelo menos desagradável para um funcionário rapazela ver diante da sua mesa de trabalho aquele homem solene, e dizer-lhe, por exemplo: — "Leve este officio à portaria".

*

○ Romualdo não ignorava o respeito que infundia no pessoal da repartição, e abusava da respeitabilidade das suas barbas. Muitas vezes, estava sentado no saguão da secretaria, de óculos, entretido a ler o seu jornal, quando o retinir de uma campainha tímida lhe entrava pelos ouvidos, chamando-o à realidade da sua situação de subalterno.

Era o mesmo que se não tivesse ouvido. Quando o som argentino retinia pela terceira vez, ele murmurava sem interromper a leitura, e não tão baixo que o não ouvissem: — "Pois sim! ... toca pr'ahi! ... súcia de vadios! ... não têm mais que fazer se não dar ao badalo! ..."

— Tím! tím! tím! ...

— Toca, toca, meu menino! ... estou bem aqui!

Afinal, abria-se um reposteiro, para deixar passar a cabeça do funcionário incipiente ... e impaciente:

— Então, seu Romualdo? Ha uma hora que estou a tocar! O continuo erguia a cabeça, tirava os óculos, guardava-os na algibeira, dobrava com lentidão o jornal, erguia-se majestosamente e perguntava, do alto das suas barbas:

— Que temos?

Nem uma palavra de desculpa, nem a sombra de uma explicação!

O amanuense não se atrevia a protestar: intimidava-o aquele aspecto de pessoa grada ou cidadão conspícuo.

*

Em casa, depois que deixava crescer as suíças, o Romualdo poderia dizer-se um oráculo. A mulher e os filhos admiravam-no; os parentes diziam todos a uma que era clamoroso estar ali um

simples continuo, quando tinha capacidade para dirigir uma repartição de primeira ordem.

Nos penates ele falava pelas tripas do judas, discorrendo sobre todos os assuntos sociais ou políticos, e dando sobre cada um a sua opinião individual. Nessas occasões só dizia parvoíces, mas a familia ouvia-o embevecida e assombrada deante de tanto saber. Era um efeito das barbas.

Nas ruas, o Romualdo era cumprimentado por muita gente que o não conhecia, porque a sua figura solicitava a consideração e o respeito dos estranhos. Alguns, depois de passar por ele, olhavam para trás e perguntavam a si mesmos: "Quem será aquele figurão?"

*

Quando o deputado foi nomeado ministro e pela primeira vez entrou na secretaria, impressionaram-no aquelas barbas, e indagou a quem pertenciam. Quando lhe responderam que o Romualdo era um simples continuo, imediatamente ordenou que ele fosse servir no gabinete. Achou-o decorativo.

Ao lado do ministro, o Romualdo, sem que para isso concorresse outra coisa mais que não fosse a exhibição das suas barbas, captou a confiança e, até certo ponto, a familiaridade de S. Excia., e isso o tornou ainda mais solene e majestático.

Quando ficava trabalhando em casa, sem aparecer na repartição, o ministro queria o continuo perto de si, pronto para receber, introduzir ou mandar embora os visitantes, ou levar à secretaria, rapidamente, qualquer ordem de S. Excia. Naquele tempo ainda não havia telefone.

No anunciar visitas e dar recados, o nosso homem, que era positivamente um mau continuo, revelou qualidades excepcionais, e de uma vez até poz as suas gloriosas suíças ao serviço da boa harmonia da administração.

O caso conto como o caso foi.

*

O ministro andava, não sei porque, às furras com o diretor da Estrada de Ferro, e já o teria demittido, ou por outra apresentado em conselho o respectivo decreto, se não soubesse que o homem era protegido pelo imperador, e ele, ministro, não fosse tão agarado à pasta.

Um dia o alto funcionario precisou falar ao ministro sobre materia urgente de serviço, e, não o achando na secretaria, foi ter à sua casa.

Encontrou na ante-sala as barbas do Romualdo, que cochilava sentado numa cadeira.

— O ministro está?

— Está, sim senhor.

— Vá dizer a esse idiota que o diretor da Estrada de Ferro precisa falar-lhe com urgência.

O Romualdo, que já se havia erguido, inclinou-se, penetrou no gabinete do ministro, e disse-lhe:

— Está aí o sr. diretor da Estrada de Ferro, que pede a V. Excia. o obséquio de lhe conceder alguns minutos de atenção para assunto urgente.

O ministro, sem levantar os olhos do seu trabalho, respondeu: — Diga a essa besta que não estou para o aturar, e que não me amole!

O Romualdo inclinou-se, saiu, e veio dizer ao funcionario:

— O Sr. conselheiro manda pedir a V. Excia. o obséquio de procurá-lo noutra ocasião, porque neste momento está muito ocupado, e sente não poder prestar a V. Excia. toda a atenção que V. Excia. merece.

O diretor da Estrada de Ferro saiu arrebatadamente, gritando:

— Pois diga-lhe que vá para o diabo que o carregue!

O Romualdo voltou ao gabinete, e assim falou:

— O Sr. diretor da Estrada de Ferro manda agradecer a bondade com que V. Excia. o tratou, e diz que mais tarde procurará V. Excia. na secretaria.

Com aquelas suíças, quem poderia supor que o Romualdo mentisse?

O "CHITON",

REFLEXO DA VELHA GRÉCIA HARMONIOSA

SOPHIA JOBIM MAGNO DE CARVALHO

"Kiton" jônico, assafrão, decorado de "authemion", adotado pelos dóricos após a guerra do Peloponeso. (Desenho de Sophia Jobim Magno de Carvalho).

Ante a perspectiva dos séculos, não seria fácil julgar, com acerto, a Grécia magnífica dos documentos carinhosamente guardados nas bibliotecas e museus. Nossos olhos, ofuscados pela luz que se projeta através dessa copiosa documentação, dificilmente se ajustam às trevas dos dias longínquos, afim de distinguir todas as imperfeições daquela remota sociedade que tentamos recompor mentalmente.

Debruçados sobre a verdadeira História da Grécia, trememos de horror diante das atrocidades dessa raça de dominadores, tão afeita às intrigas políticas e às conspirações!... Quasi choramos ante a ingratidão dos Gregos pelos seus ídolos e heróis mais queridos, desterrados ao mais fútil motivo. Sofremos a tortura daquelas nobres esposas, amesquinhas a uma condição de incrível inferioridade. Mas, si lemos um pouco da literatura da Grécia Clássica, si assistimos ao seu teatro, si nos debruçamos sobre suas cerâmicas decoradas, si analisamos sua arquitetura tão ponderada e tão bela, si acariciamos suas estatuas, si estudamos com desvelo as jóias, os adornos e os mínimos detalhes de seu traje, perdoamos ao Grego antigo toda a sua crueldade e toda a sua maldade na guerra e na paz!... A luz de beleza que se projeta sobre nosso espírito extasiado, apaga em nosso coração qualquer vestígio de máguia, contra essa terrível e sublime raça de conquistadores e tiranos. Não nos importam, pois as atrocidades de um povo que, si outras virtudes não tivesse, foi o primeiro a admitir o sentimento maravilhoso de fé na dignidade humana, traçando, assim, na face da terra, um rumo novo para os povos que viriam depois dele.

Já agora, passados tantos séculos, não nos importam suas maldades. A sua própria "escravatura organizada" foi suplantada há muito, para nós, com seus homens e seus heróis.

O que nos resta hoje, ainda viva, de pé, espalhada por toda parte, é a obra magnífica de seus artistas, de seus filósofos, de seus poetas...

Bastaria ela só para redimir a Grécia Antiga de todos os seus erros.

Quando falo de poetas, dos filósofos e dos artistas

da Grécia, não pretendo analisá-los com uma falsa retórica. Só reclamo, para mim, o direito de um pouco de conhecimento nos assuntos de indumentária, onde educo a minha sensibilidade, estudando o assunto, com paixão, há 15 anos.

Se me refiro aos poetas, aos filósofos e aos artistas da Grécia, é porque desejo simplesmente, explicar razões de indumentária. Sim, porque, uma túnica, ou melhor, um *chiton grego*, autêntico, não é, para mim, só uma peça antiga de vestuário.

É antes, uma graciosa escultura em pano.

É um poema que não precisou ser escrito.

É um belo tema de filosofia.

Não vai nenhum exagero nisso, pois quem conhece a devoção do Grego pela bela plástica de seu corpo atlético, pode ver, a todo o momento, que, do panejamento, embora farto, do "chiton" grego, a forma humana emerge, vitoriosa, pondo relevos magníficos na pobreza de um retângulo de fazenda. É como si um escultor invisível e carinhoso sentisse a tentação de modelar o próprio pano. Quem já viu a massa ondulante e caprichosa do tecido que, sobe, envolvendo, como uma labareda, ou tombado em cascatas, sobre os vigorosos membros das estatuas gregas, compreende que a beleza e o ritmo dessa "draperie", ora suave, ora alucinada, obedece a impulsos e desígnios estranhos, como os que movem o poeta, em música divina e expressão ardente.

Quem observe uma estátua grega vestida, poderá sentir como ali a mulher se funde ao traje. Parece que, pondo em seu relevo, ora um seio redondo, ora uma bela coxa torneada, ora o esplêndido material do tecido, houve a intenção de mostrar os dois na plenitude de seus encantos.

Sente-se, as vezes, que o pano se amontoa modestamente, para não perturbar a plástica da mulher. Noutras é o tecido que se exhibe, soberbo, escondendo formas humanas que devem ser, apenas, adivinhadas, no ritmo do panejamento.

Essa fuzão de mulher à roupa, procurando a linha, a graça da forma e a harmonia dos nobres efeitos, encerra toda uma filosofia do povo grego: a paixão pela perfeição plástica.

Seria inútil que alguém descrevesse materialmente a beleza do vestuário grego. Ele se espiritualiza diante de nossos olhos encantados, quando vemos que não foi preciso realizar a mais de 3.000 anos, a árdua tarefa de um corte complicado e anatômico, para que se vestisse magnificamente a bela forma humana!

Artística, lógica e higienicamente, quão longe estão os "christian Dior" dos nossos dias daqueles sensatos artistas da Hélada, cujos nomes, por inexplicável omissão a História, ignora.

Um simples retângulo, levemente decorado, era a forma básica, por excelência do vestuário dos gregos da Antiguidade.

Um pedaço de pano anguloso, conforme saía do tear, e um raio de imaginação eram os únicos elementos necessários, além de algumas "fibulas" ou simples espinhos naturais de plantas, para se construir a bela vestimenta.

Surpreende-nos a naturalidade com que se modelavam aqueles panos, sempre retangulares, nas formas mais variadas, transformando-os em modestas, agressivas ou nobres "toilettes". Sempre o mesmo retângulo para vestir um filósofo, um herói, um escravo ou um Deus.

Simplicidade de linha, simplicidade de arte, simplicidade de detalhes fazem da "toilette" clássica dos gregos, depois de trinta séculos de História, a mais bela concepção artística do traje de todos os tempos, e de todos os povos.

Foi por isso que, quando Francesca Nozières, nossa insigne e querida declamadora, pediu-me sugestão para a indumentária com que se apresentaria em público no Instituto Nacional de Música; não hesitei um só minuto. Desenhei-lhe um "chiton" grego estilizado, cor de assafrão, como os que as virgens de Atenas depunham aos pés da Deusa nas procissões das Panatheneias.

Ainda guardo no coração a deliciosa lembrança daquele recital, que tanto comoveu a sensibilidade do público carioca, e onde pude, embora modestamente, levar a minha pequena contribuição de artista.

Vestindo Francesca Nozières de grega, tenho certeza de ter homenageado a Grécia Clássica.

Vestindo a artista de grega, tive a intenção de homenagear Francesca Nozières.

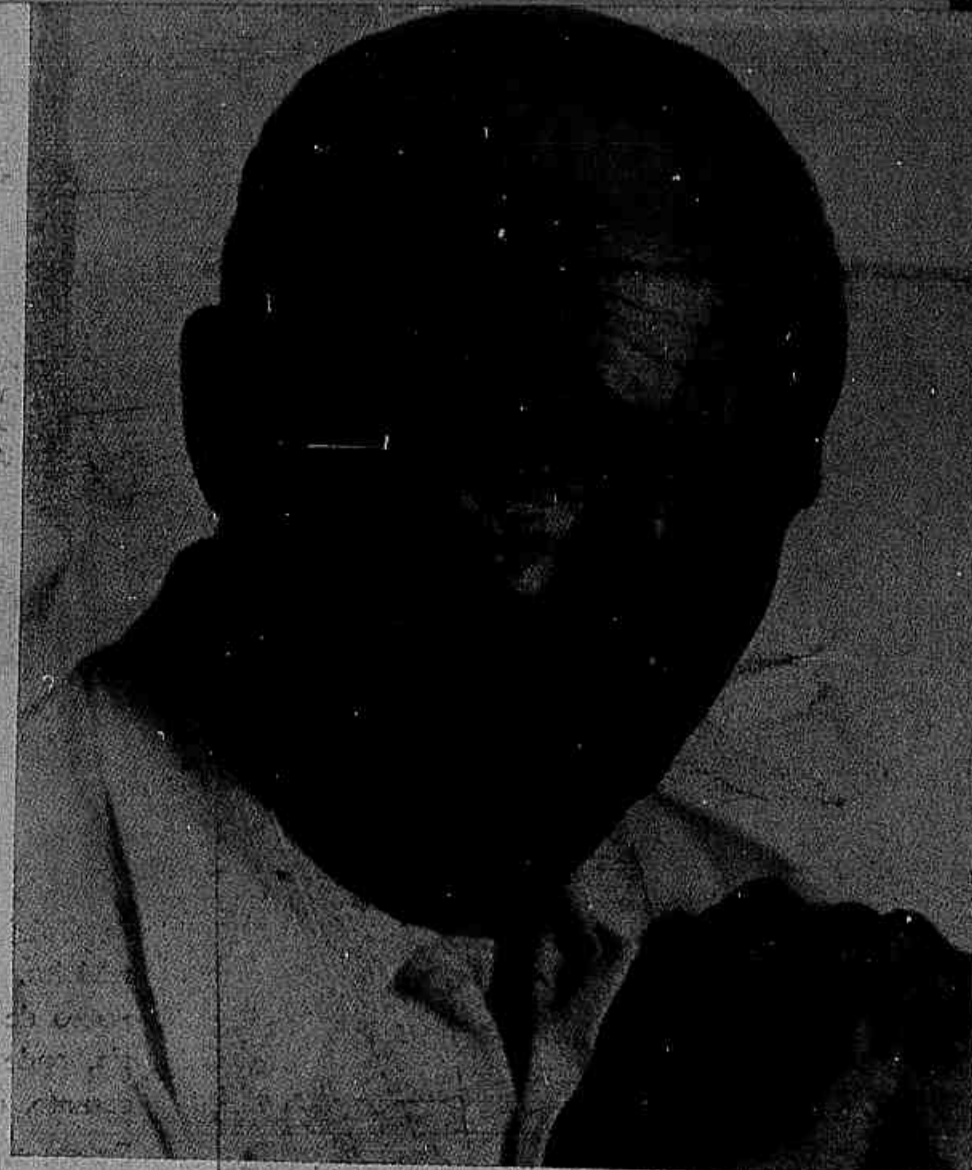
Um jovem grego, de "kiton" e himação, manto leve, com bordados. (Desenho de Sophia Jobim Magno de Carvalho)





A Sta. Margarida Vilas-Bôas de Lima e a Sta. Norma Lima Cavalcanti, num bailado que devem às lições da Sra. Mari Nemcar.

Orlanda Saturnino — a esplendida artista do Conjunto Coreografico Brasileiro — grande triunfo da União das Operarias de Jesus — que já obteve a consagração do êxito, mas tem todo o futuro à sua espera.



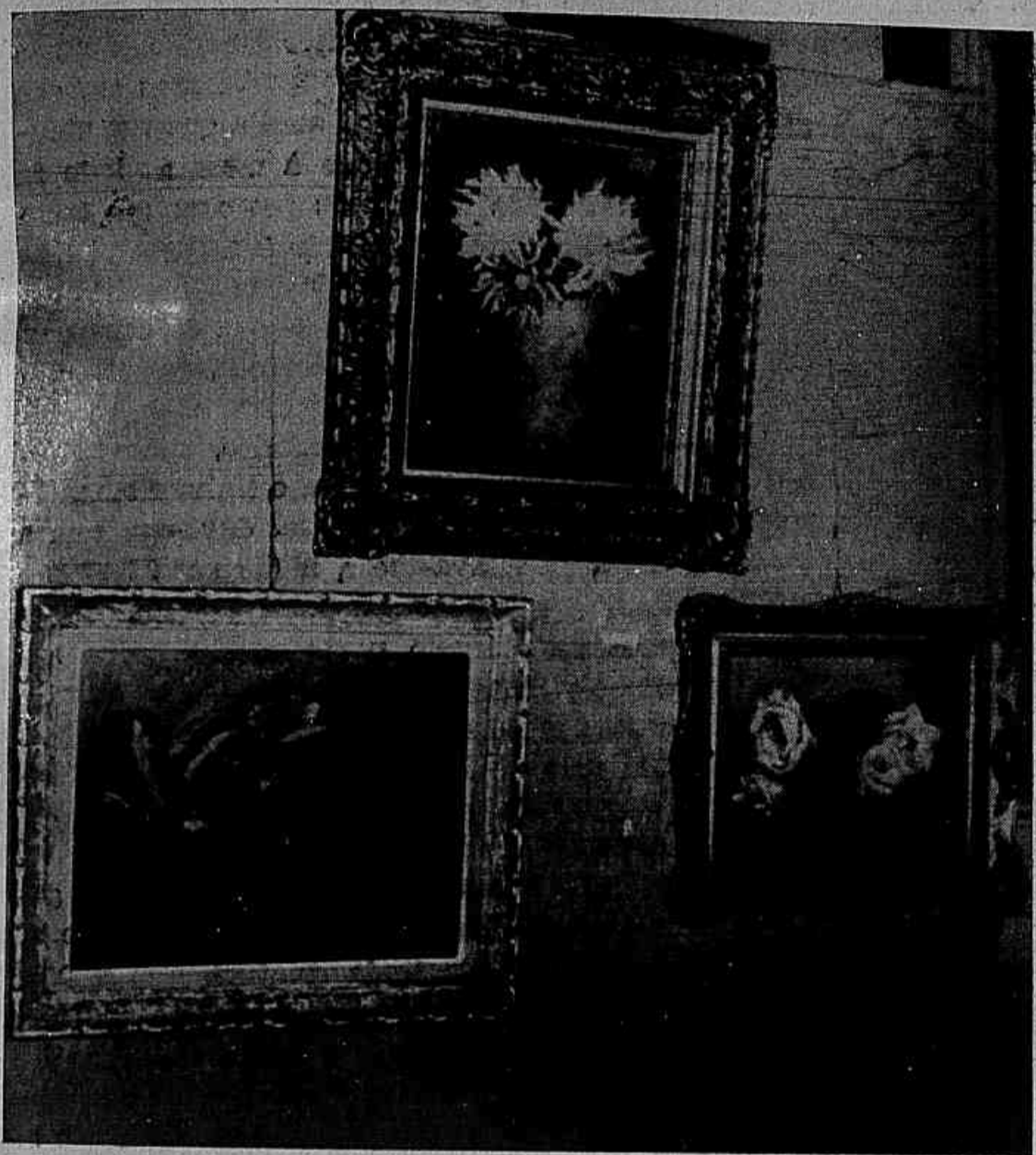
Veltchek — um bailarino consagrado, um mestre verdadeiramente precioso, como se vê pelo êxito dos bailados que apresenta a União das Operarias de Jesus, à qual dedicam todo o seu carinho as Sras. Clotilde Guimarães, Antonieta Monteiro e Maria Tereza Guimarães. Os seus olhos parecem fixar com intensidade o futuro do bailado no Brasil.

ARTE COREOGRAFICA

Iellé Bittencourt — bailarino e musico. Já mereceu, ao lado de Orlanda, medalha de ouro — a dos melhores interpretes da dansa em 1947. E o futuro, certamente, não lhe negará outras.

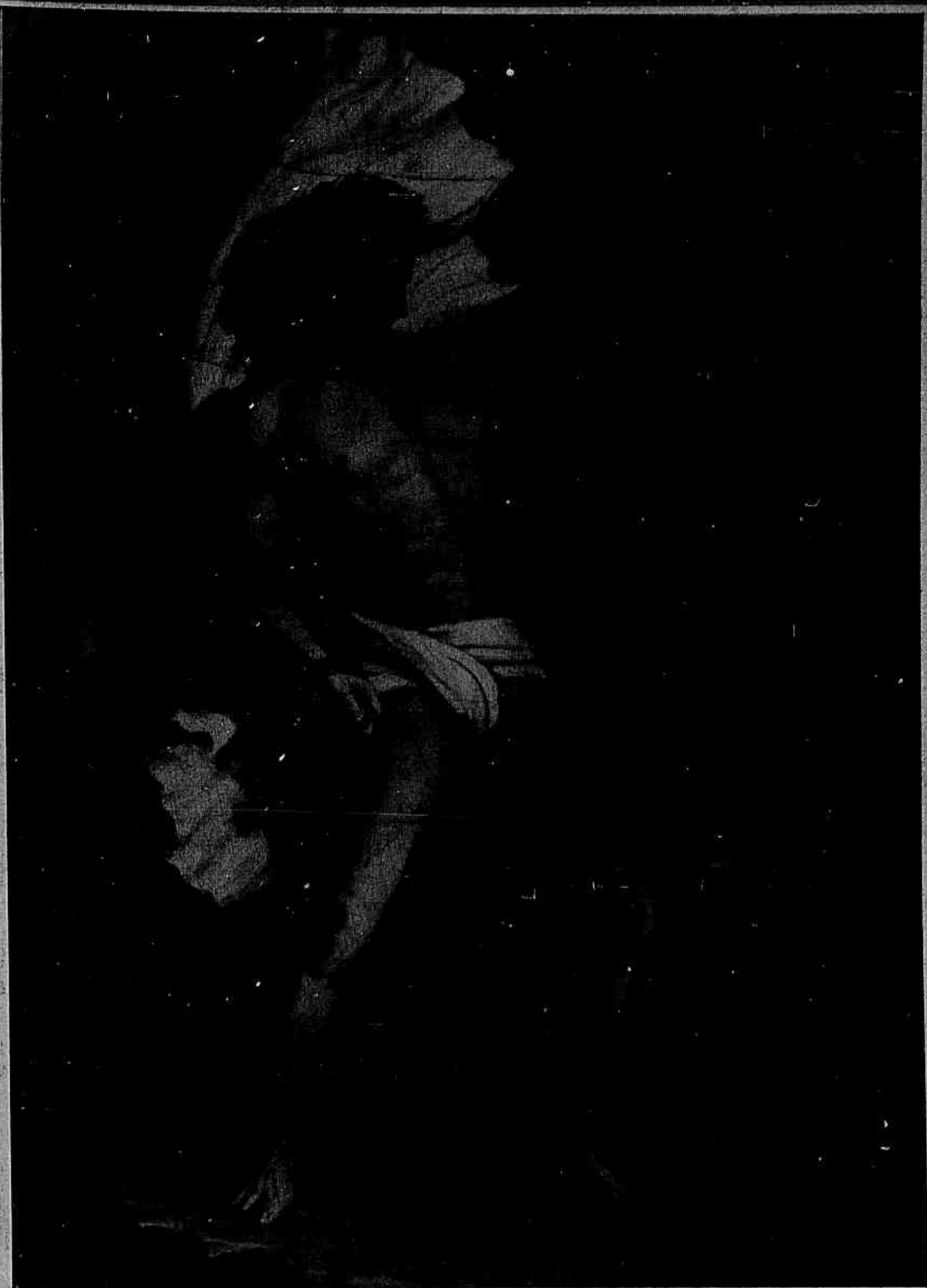


De Pintura

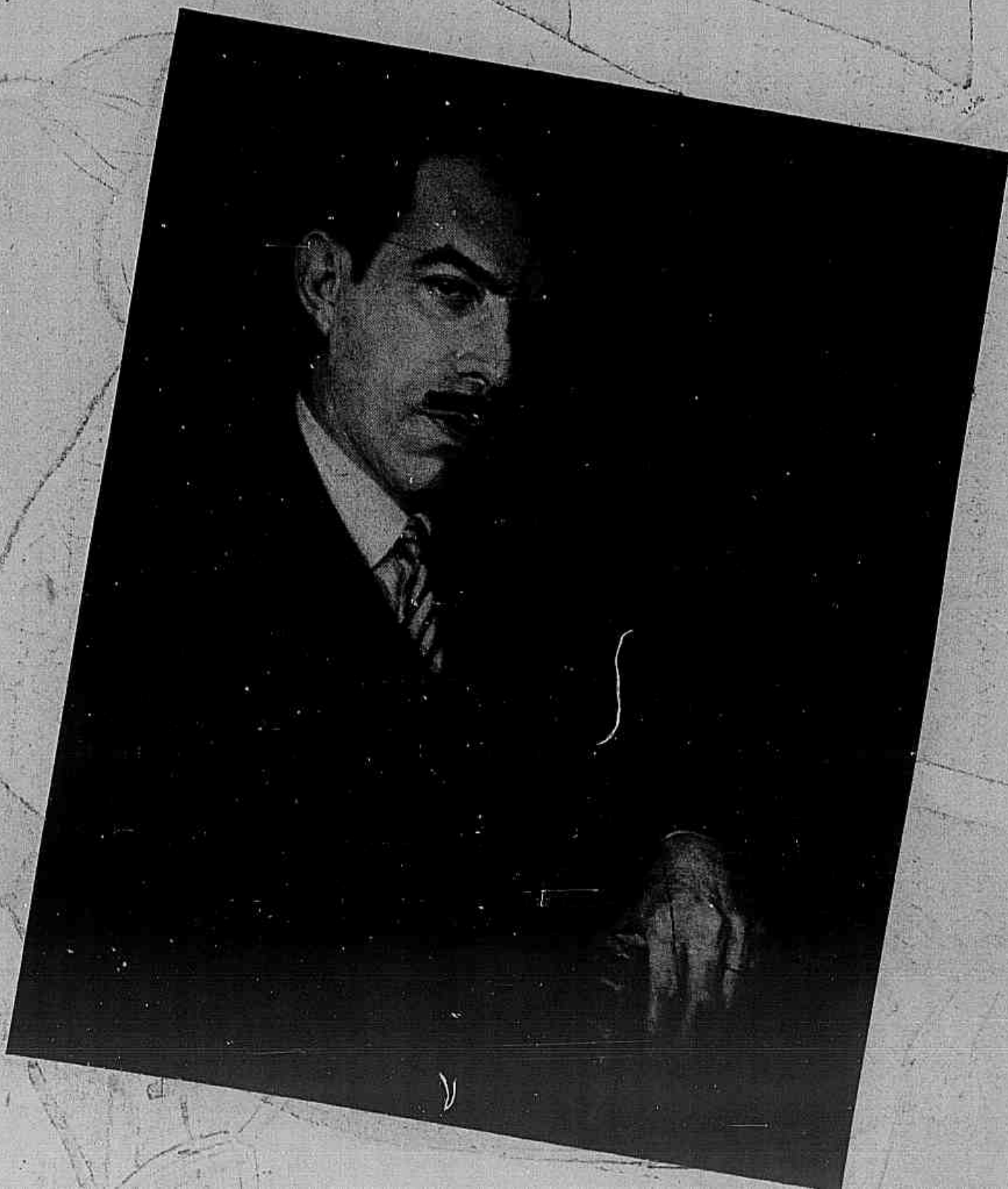


A Associação dos Artistas Brasileiros, no desenvolvimento de seu programa, promoveu um Salão Feminino de Belas Artes, reunindo no Palace Hotel mais de duas dezenas de trabalhos de suas associadas. Apresentaram-se os grandes nomes da nossa pintura contemporânea: Olga Mary, Odette Barcelos, Sarah Vilela de Figueiredo, Maria Margarida de Lima Soutelo, cada qual com uma série de quadros da melhor qualidade, e mais Odete Aguiar, Leopoldina Celli, Iveta Ribeiro, Maria Francelina, Antonia Gama, Maria Curty, Misabel Pedrosa, Nadia Morlay, cada uma com telas de esplêndida fatura, e mais Paola Scala com um quadro sugestivo. Essas artistas são já conhecidas e aplaudidas pelo público. Mas na exposição apareceu pela primeira vez um nome que se vem afirmando através de trabalhos de vigoroso acabamento e toque notável. Referimo-nos à senhorita Evany Maul, uma pintora que com os seus desesete anos revela o que virá a ser no futuro. Na gravura reproduzimos o painel em que figuram os seus três quadros: "Crisantalias", "Rosas" e "Natureza morta", peças esplêndidas que nos mostram uma técnica segura e uma profunda sensibilidade artística.

Retrato do Dr. Pinto do Carmo, de autoria do pintor Francisco Izidro Monteiro, premiado com "Mensão Honrosa" no último Salão Nacional de Belas Artes.



PROMETEU ACORRENTADO — Tela de Gerson Pompeu Pinheiro, exposta no Salão de Belas Artes de 1948.





Louira, alta, cinematográfica, seu riso iluminava a vasta sala de baile. Estava dançando com um rapaz moreno que parecia fazer-lhe a corte, mas ao qual não prestava a menor atenção. Fingia-se desvolta e despreocupada, mas eu, que a admirava e observava, sentia que sua atenção estava presa sempre à mesa ao lado da minha. Havia nesta três pessoas: um coronel do Exército reformado e a esposa, meus conhecidos, acompanhados por um homem alto, forte e belo entre os 30 e os 35, com uma cicatriz que lhe vincava o rosto, da testa até o meio da face. Isto lhe dava o ar varonil dum veterano, dum guerreiro, dum herói. Eu não o conhecia. Nunca o tinha visto mesmo. Ela eu sabia quem era, dava-me com a família, calculava-lhe a idade em 22 anos e sempre admirara o seu porte esbelto, os seus dentes de anúncio norte-americano, a sua elegância inconfundível, sobretudo quando montava a cavalo e eu a via passar pela porta do meu Retiro nas manhãs translúcidas em que o céu costumava banhar o seu azul na profundidade do lago.

Continuei a observá-la e ao rapagão do gilvaz, que se mostrava de todo indiferente ao interesse daquela linda criatura que o poeta Firdusi classificaria decerto entre as Peris do céu de Zoroastro. De repente, ele se levantou, despediu-se do casal com quem se achava, acendeu lentamente um cigarro e se retirou do salão sem um olhar sequer para aquela rapariga loura, alta e cinematográfica que me encantava os olhos. Logo, ela deixou cair a sua fingida desvoltureira, descartou-se do seu par e desapareceu. Compreendi que, com a ausência dele, tudo para ela perdia qualquer interesse. Era como um grande vaso que se fizesse dum momento para outro, um vaso envolvente, misterioso e confrangedor. A idade dera-me a experiência dessas coisas.

Um sorriso aflorou-me aos lábios. O Doutor Pedrosa, velho médico da estância balnearia, meu companheiro de mesa, viu-o e entendeu-o. Entendeu-o tão bem que me disse:

— Mais interessante seria a tua observação desta noite, se conhecesses o que há entre os dois.....

— Conte-me pelo amor de Deus!..... Pedrosa chamou o criado e pediu mais duas doses de uísque com soda bem gelada. Depois, falou com lentidão, fazendo de quando a quando uma pausa para chupar o fumo do charuto:

— Ela você sabe muito bem quem é. Ele chama-se Durval de Brito, formado em engenharia, com negócios de minas ou de cristal nos cafundós de Goiás. Muito dinheiro, muita mocidade e muita saúde. Todas as riquezas da vida que já não temos mais, amigo, e que só o encontro com Mefistofeles nos poderia dar outra vez...

A Chicotada

GUSTAVO BARROSO
DA ACADEMIA BRASILEIRA

Pois bem, ele, desde que se iniciou a presente estação, fez seu pé de alferes à lourinha. Falou-se até em noivado proximo. Mas, de repente, tudo foi de aguas abaixo. Nunca mais ninguém os viu juntos, como antes, nos passeios a pé, de charrete ou a cavalo. Nas festas não dansaram mais e os bons observadores como tu passaram a notar o disfarçado interesse dela e o absoluto desdem dele. Pouca gente, porém, sabe o que se passou. Eu sei, porque me foi contado pelo guarda da Piscina. O Durval passava a cavalo pela Volta do O', quando ela o avistou da Piscina, o chamou e foi ao seu encontro, de maiô como se achava. Trocaram cumprimentos e ela manifestou o desejo de montar a cavalo naquele traje. Ele apeou-se, entregou-lhe o rebenque e ajudou-a a montar. Depois, ao encurtar os loros, tendo a meio palmo dos lábios a eburnea carnação da sua côxa, não resistiu à tentação e sobre a pele macia e cheirando a sol depôs um beijo apaixonado. Ela teve uma dessas reações infelizes, ergueu o braço e deu-lhe uma chicotada nas costas. Ou não o fez com muita força ou a fazenda espessa da camisa de esporte amorteceu o golpe, o certo é que ele pouco o sentiu e exclamou, brincalhão:

— Por este preço, compro outro!

E beijou outra vez a carne setinosa. Ao levantar o rosto, ela, numa reação ainda mais infeliz, chicoteou-lhe a cara. Essa é a origem daquela marca que lhe dá uns ares de herói. Parece que dificilmente se conteve para a não atirar abaixo do cavalo. Todavia não deu uma palavra e não esboçou sequer um gesto. Ela apeou-se. Ele tornou a montar. Ela voltou à piscina. Ele foi pôr compressas no vergão que lhe deformava o rosto. E nunca mais se falaram. Sei por outras fontes que ela está arrependidíssima e que tem feito tudo o que é humanamente possível para ser perdoada. Escreveu-lhe cartas, recorreu a intermediários, procurou mesmo uma vez falar-lhe ali numa das alamedas do parque. Tudo sem o menor resultado. Ele não toma conhecimento da existencia dela. E' como se tivesse morrido. O diabo do goiano ofendeu-se e é duro de roer. A um amigo meu, que tem toda a intimidade com ele, já disse que, se desaparecessem todas as mulheres do mundo e ficassem só ela e uma negra horrenda, ele, sendo obrigado a escolher, daria preferencia à negra.

Este fato que você esteve observando e eu acabo de lhe explicar com pormenores é um documento interessantissimo da psicologia feminina. O instinto do homem leva-o a solicitar, a possuir para fruir tão somente. O da mulher leva-a a recusar, a fugir ou a reagir, mesmo desejando, a fim de conseguir o dominio para a plena fruição. Mas a grande questão é saber dosar essa recusa, calcular bem essa fuga, não exagerar a reação. Um erro de calculo pôde criar no homem o desdem sem limites do amor proprio ofendido ou, o que é igual, senão pior, o cansaço sem limites do desejo frustrado. Nessa historia do Durval de Brito, estamos em presença de ambas as coisas.

O velho Doutor Pedrosa continuou a falar como um grande mestre na materia:

— Meu caro, as mulheres são quase sempre de uma falta de inteligencia lamentavel. Essa menina, por exemplo, é linda, esbelta, loura, cinematografica, como você diz, mas não tem na cachola uma grama de espirito. E' toda carne e instinto. Como a maioria de suas semelhantes, não sabe prender um homem. Uma chicotada por um beijo! Que estúpida criatura! Muito mais estúpida do que o proprio cavalo em que montava. Veja, no entanto, como ele, o Durval, foi espirituoso e galante, como lhe ofereceu a ela uma saída brilhante para o seu gesto teatral e de arriero. Levando aquela primeira vergastada nas costas, retrucou: — Por este preço compro outro! E deu o segundo beijo. Ela, ao invés de ter um dito gracioso e definitivo como, por exemplo: — Eu só faço pagar o primeiro! ou, então: — Dou-

lhe este de quebra! — respondeu com um coice que estragou tudo.

O que mais ainda depõe contra a pouca inteligencia dela é estar apaixonada por ele. Está mesmo, não se iluda. As mulheres são assim: dão a vida por quem as despreza. Metem os pés em quem as ama. Quantas não adoram os homens que lhe dão pancada. Quantas! Ela anda atrás dele como um cachorrinho e ele não toma o menor conhecimento de sua existencia. Não tenho a menor duvida sobre a paixão que hoje a atormenta, como não tenho a menor de que ele nunca mais quererá saber dela.

O Doutor Pedrosa calou-se. Eu tambem. Uma gritaria louca encheu a sala de baile. A orquestra tocou o hino nacional. Na rua espoucaram foguetes. Era a passagem do ano. Todos se felicitavam, pondo-se de pé e erguendo as taças. Em uma das mesas do fundo do salão, a rapariga loura, alta e cinematografica estava só e baixava tristemente a cabeça no meio da alegria geral.

Já lá se vão alguns anos desse "réveillon", em que o Doutor Pedrosa me revelou tais segredos. Durval de Brito, segundo sei, depois de longa viagem pelo Canadá e pelos Estados Unidos, casou com uma norte-americana catolica de Boston. Vivem muito felizes, conforme me dizem, ora em Goiás, ora no Rio e ora em Nova Iorque. A rapariga alta, loura e cinematografica continúa solteira e a fingir-se desenvolta todos os anos nas reuniões de hotel da estação de aguas.

Ela deu um golpe errado, o mais errado de todos os golpes...



A "Ilustração Brasileira" sente-se jubilosa com o resultado da escolha e classificação dos melhores artistas de 1948, pois em nosso número de Março do ano passado, quando escrevíamos sobre *HAMLET* prognosticávamos a vitória de Sergio Cardoso, agora consagrado pela Associação Brasileira de Críticos Teatrais. É mais uma peça e um ator que marcam, em definitivo, uma época, quando o clima é de comédias engraçadas, de filmes malucos, de espetáculos desopilantes, tudo para esquecer as misérias materiais e morais que nos circundam. Apesar de tudo ainda temos visão do teatro de arte, ainda vemos William Shakespeare — considerado o maior homem de letras de todos os tempos — aclamado na tragédia que atravessou séculos e, dentro duma geração completamente alheia aos problemas do espírito, o mestre consegue ainda arrastar multidões tão deseducadas pela cinematografia de açúcar candi. E podemos ainda notar como volta, facilmente, para junto de nós uma história de quatro séculos, sobretudo o impudor, a falta de responsabilidade, as lições de moral que não foram aprendidas, os erros que não foram corrigidos e até o fantasma do rei ainda é uma imagem de nossos dias. De todos os dias, sim, temos notícias do estúpido "Polonius", bajuladores Rosencrantz e Guildenstern, honesto Horacio, e em toda parte há a dúvida a hesitação, tragédias metafísicas, os Lombrosos e Freuds estudando outros "Hamlet", pois é o milagre do gênio atualizar-se em todas as épocas,

em qualquer quadrante da terra, e mostrar a imortalidade das páginas do filho de Strafford on Avon.

E *HAMLET* é a maior peça teatral, sempre representada em todas as plateias do mundo, edita sempre em todos os idiomas e sempre procurada em todas as bibliotecas para mostrar que, quando há valor literário uma peça teatral, não é só para ser representada, e que o teatro é imortal.

Não nos esqueceremos de que, quando apareceu o cinema, prognosticaram a morte do teatro e ainda com os filmes sincronizados e coolridos a mesma balela foi berrada como agora com a televisão não faltarão os coveiros gratuitos da arte de Talma.

E este sentido de renovação, a volta aos clássicos não será isso a vitalidade das missas Melpone e Thalia?

A vitória do Príncipe de Elsenor, que é fi-

nal de carreira de grandes artistas, foi o começo da glória de Sergio Cardoso. Quem viu John Barrymore nos Estados Unidos, Barrault na França ou Laurence Olivier na Inglaterra apoia totalmente os votos de críticos e intelectuais que premiaram Sergio Cardoso como a maior revelação de ator dramático de 1948. Interessante é que há quasi um século não aparecia um ator com tanta capacidade de expressão trágica sem esquecer que no espetáculo de gala do Centenario da morte de Martins Pena, na representação da comédia "A FAMILIA E A FESTA DA ROÇA", Sergio Cardoso apresentou a figura cômica de "Inacinho", mostrando que é um legítimo ator de raça. Quando rejubilamos com a medalha de ouro ganha por Sergio Cardoso, é digno de relato o fato inédito do centenario do drama de Shakespeare na cena brasileira. Nos anais do teatro brasileiro não há memória de centesima vez consecutiva de qualquer página do maior dramaturgo. O expressivo acontecimento — precisamos sempre repetir pois as representações são feitas em pleno verão carioca — mostra aos pessimistas e demolidores do nosso teatro de arte a sua vitalidade, quando a moda tendia para a comédiazinha ligeira, vem o público prestigiando o teatro clássico e seu interprete máximo na América do Sul.

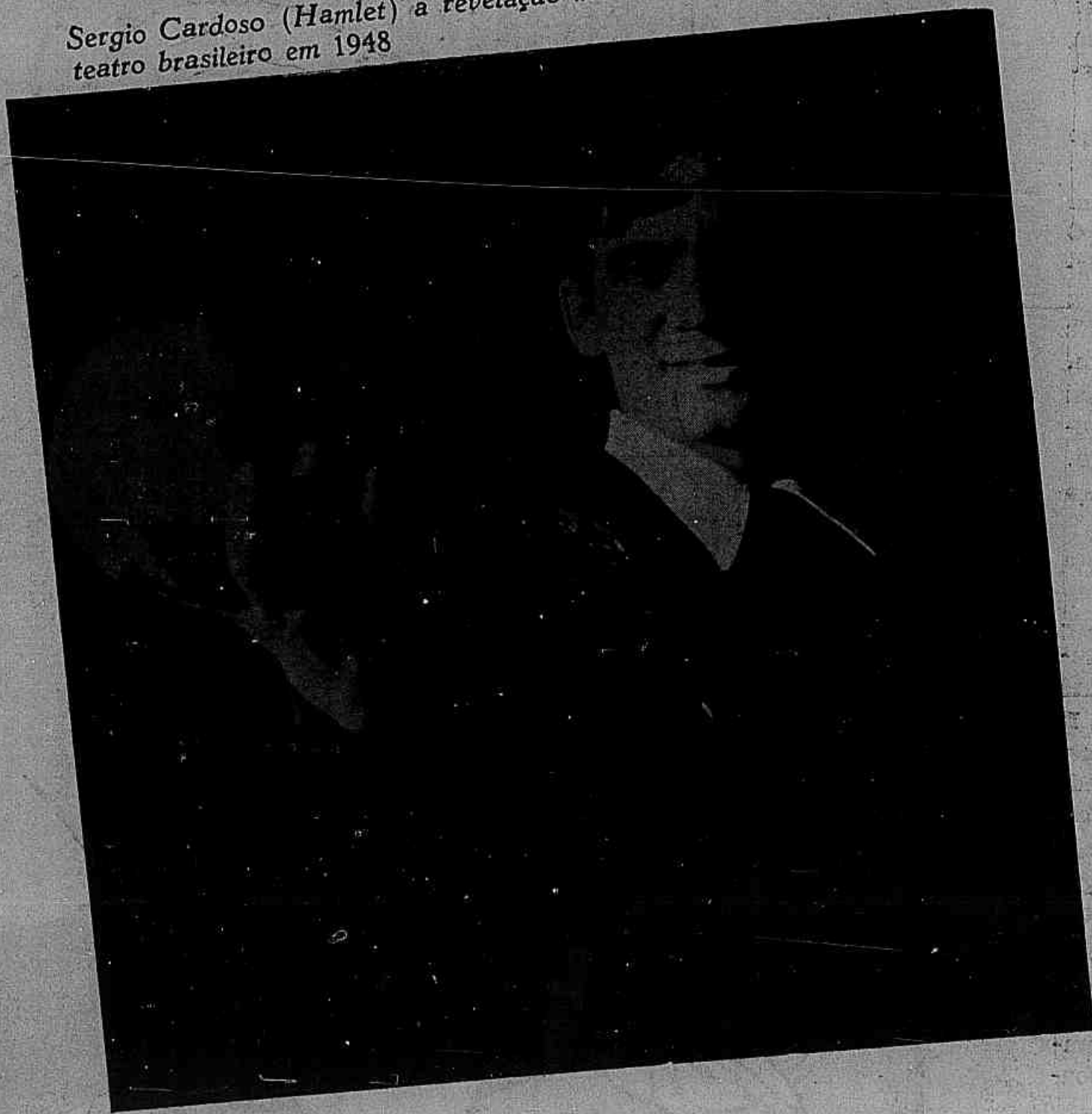
Ai está uma das vitórias do Teatro do Estudante, idealização de Paschoal Carlos Magno. Agora os moços saídos da Universidade organizam o "Teatro dos Doze" e recebem consagração como só os grandes elencos estrangeiros, bafejados pelos elementos oficiais e em nosso inverno caricioso ao passo que a vitória de *HAMLET* é em pleno abafante verão.

E sobre o adolescente nobre dinamarquez, do qual existe uma biblioteca inteira para estudar a alma — ou melhor — que todos aceitam e ninguém explica, aquele que, no minuto supremo de vida pede a Horacio que explique ou esclareça a todos os que duvidam do seu proceder: encontrou em Sergio Cardoso um talento e sensibilidade que nos satisfaz a tudo que nos resta de exigência de apreciador insatisfeito da arte de representar. Os silencios, os solilóquios, as paixões, o movimento de cabeça, o olhar frio ou amoroso, o crisar dos dedos, o amargor da boca, o andar cauteloso, a agilidade no subir a escada, bater-se em duelo ou cair de joelhos, e ainda a voz, chorando, gemendo ou gargalhando, gestos e palavras como ninguém tinha feito até hoje em nosso teatro. E diremos com Shakespeare: "As you like it".

AVITÓRIA

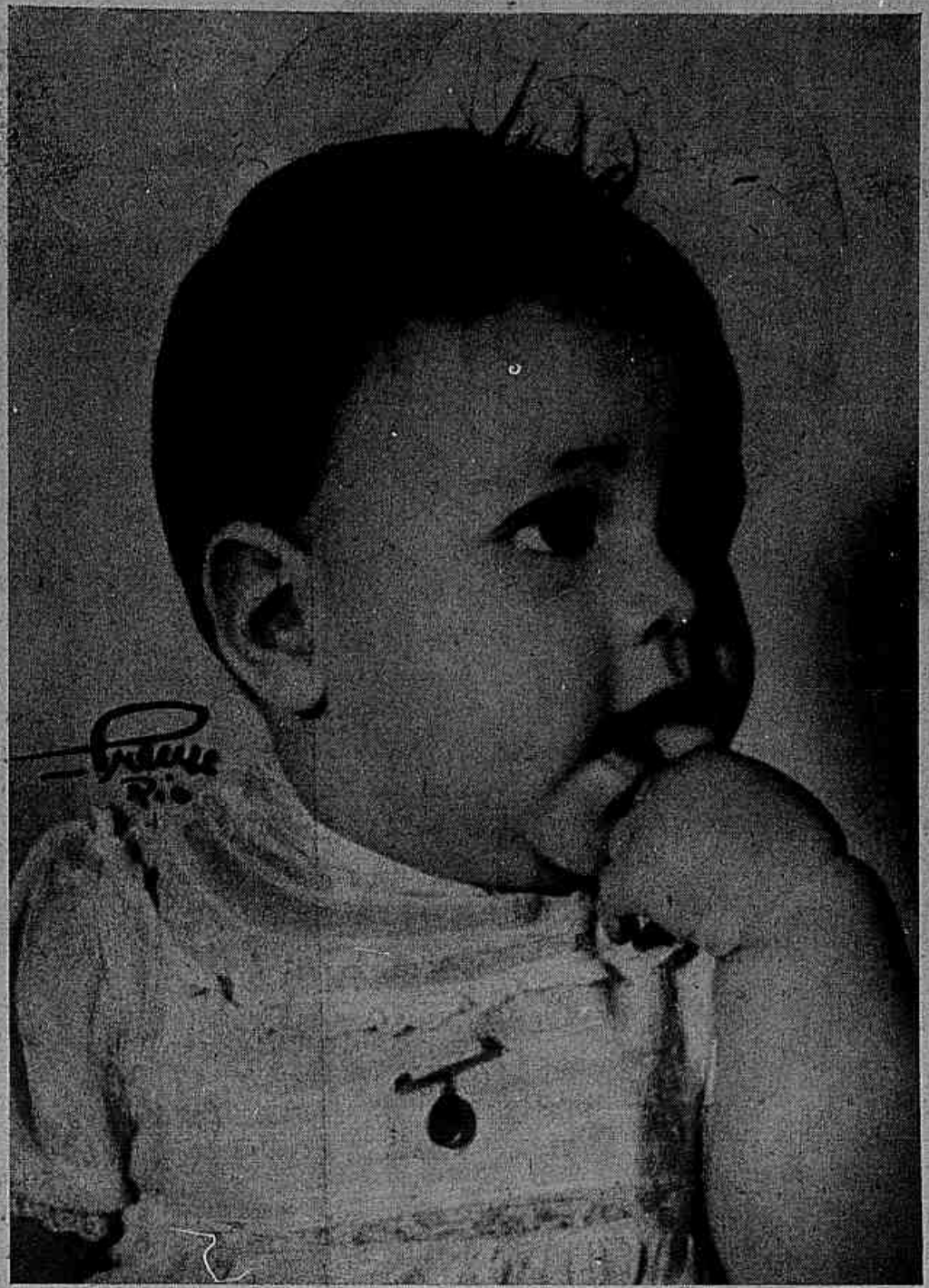
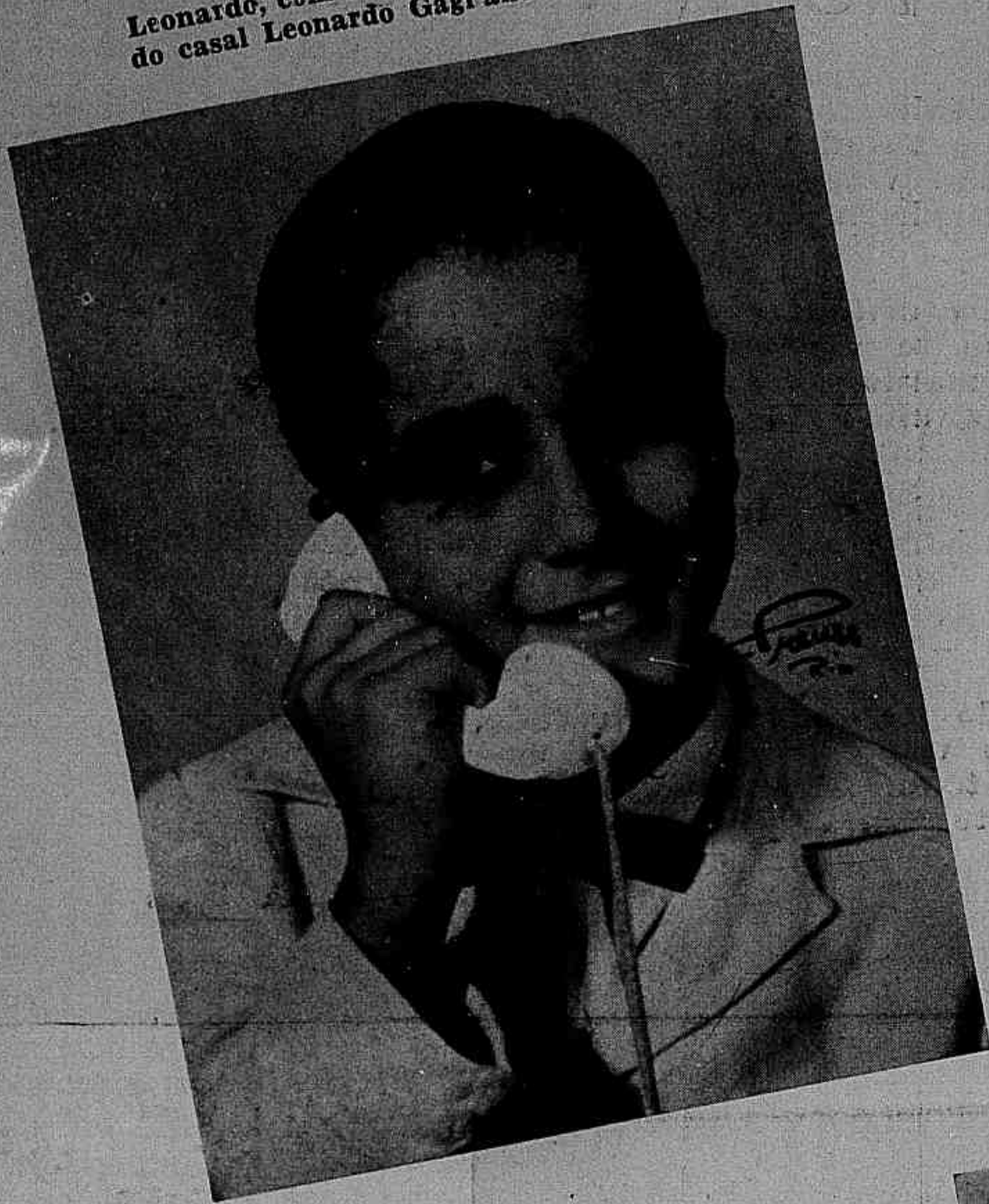
do Príncipe de Elsenor

Sergio Cardoso (*Hamlet*) a revelação máxima do ator trágico do teatro brasileiro em 1948



Crianças

Leonardo, com sete e meio anos de idade, filho do casal Leonardo Gaglano Netto.



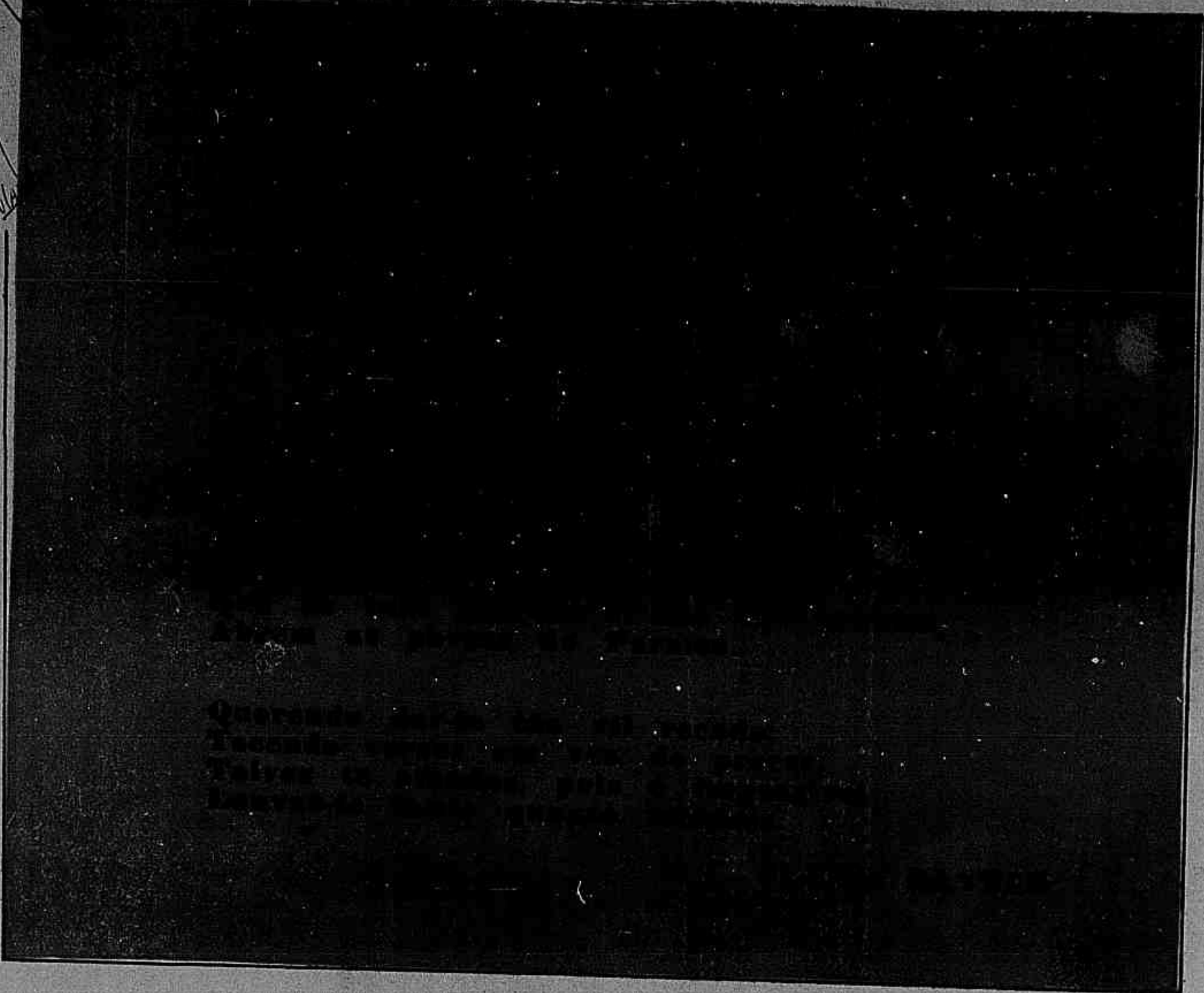
Carlos Alberto, com 6 meses de idade, filho do casal Aloísio Sicupira e neto do Dr. Octavio da Veiga.

Lyg'a Maria, com quatro e meio anos de idade, filha do casal Leonardo Gaglano Netto.



Adalto, com 10 anos, filho do casal Dr. José Ferreira Muniz Sobrinho.

FOTOGRAFIAS TIRADAS NOS STUDIOS DE FOTO PREUSS. (SÓ CRIANÇAS). RIO — NITERÓI.



CANÇÃO DE ESPERANÇA

Sede, em minha vida, essa luz de esperança,
Que vem iluminar os devões mais escuros,
E que, em alma atribulada e triste, que se cansa
Na luta contra o mal, entre infidelis e perjuros.

Vós, anavim, — estrela do horizonte,
O quadro acidentado e cheio de altas montanhas,
De vida de um poeta, no tremor de um instante,
Ogar de resumir os escriptos passados.

Um representante com arte e inteligência,
O papel divino de alegrar a existência,
De quem a solidão estava a ser o brado.

E acréscimo, finalmente, em meio ao mar da vida,
Para um naufrago, — a luz salvadora e querida,
Para um poeta, — um claro argenteo de luz.

PETRARCA MARANHÃO





SURFADA



Por VIOLETA DE ALCANTARA

Aquela carta, descrevendo uma recepção recentemente oferecida em São Paulo pela princesa Olga Aliata de Monte Reale, deu-me saudades do tempo em que lá vivia e em que eram tão frequentes as festas magnificas, os "cock-tails" elegantísimos. Quantos nomes conhecidos, quantas figuras familiares, nessa reunião em honra dos aviadores Bonzi e Lualdi! "A Sra. Renata Crespi da Silva Prado, de tafetá com finas listras, chapéu com finas rendas!..." Como me lembro do momento em que o famoso Henrique Medina pintava o seu retrato, escolhendo para o seu modelo em vestido côr de ouro — e em que ela e o marido, então Prefeito da cidade, recebiam para almoçar 15 a 20 pessoas todos os sabados, no palacete da Avenida Paulista. Nesse ambiente requintado, o Sr. e a Sra. Fabio da Silva Prado creavam uma atmosfera incomparavel, e o espirito original, a amabilidade de "D. Renata", como todos em São Paulo diziam, fossem intimos ou não, eram infatigaveis.

Como me lembro da Condessa Marina Crespi, sua mãe, ainda hoje tão bela, com os cabelos prateados e os olhos escuros, cheios de ternura!

Numa vespera de Natal posso, às vezes recordar de um modo plenamente proustiano — graças a um aroma, graças ao colorido de um vestido de baile, a umas notas de música para dançar — aquela grandiosa festa de dezembro, com as orquestras do Rio, centenas de pares nos salões e nos jardins.

E a Sra. Nicolau de Moraes Barros — familiarmente, Francisquinha — tão finamente acolhedora, tão senhoril. E sua filha Alice, que é hoje a Sra. Luiz Campello. Diz-me a carta recebida agora, que está cada vez mais decorativa, trazendo, nessa tarde, um modelo de tafetá côr de maçã, de certo ideal para combinar com a sua pele clara, luminosa mesmo!

E a Sra. Marjorie Prado, a loira americana que se casou

com Jorge da Silva Prado e se acimatou no Brasil, socialmente, da melhor maneira. Vestida de cinzento com pastilhas prateadas, devia estar muito bem. A carta fala, depois, da Sra. Fernando Nobre — D. Mára, que sempre foi tão pessoal no "geito" de se pentear e se vestir — "parecendo uma princeza, com as suas "aigrettes", pérolas e brilhantes". E na risonha Sra. Thiollier e da minha querida amiga Baby — Sra. Guilherme de Almeida — com o seu encanto de flor nascida à beira de agua — da Teresinha Rudge Miller, figurinha de Hollywood "com um delicioso chapéusinho azul claro". Da Sra. Alayde Borba, grande "allure", grande gentileza — de todo um grupo dos Matarazzo, André Matarazzo Filho, Francisco Matarazzo Sobrinho. Da loira e esguia Elisinha de Oliveira Ribeiro, com o seu ar medieval e, no "cock-tail", destacando-se muito pela beleza de um chapéu modelo. Elisinha, que me habituei a ver entre as maravilhas antigas e as recordações familiares do palacete dos Campos Elísios, onde o poeta Oliveira Ribeiro Neto, seu irmão, coleciona, entre outras coisas belas, peças de ouro que são a imagem da "mais bahiana das Bahias". E de José Armando Vicente de Azevedo, que pertence a uma familia em que tenho as mais encantadoras e inteligentes amigas. Chegando perto do Carnaval, a carta lembrou-me logo os carnavais da Hippica, do Automovel Club, do Harmonias, do Yacht Club, onde sómente a sociedade aparecia, embora divertidamente fantasiada.

Perguntam-me com frequencia os amigos se gostava mais de S. Paulo do que do Rio. Não faço comparações. Gostava de S. Paulo. Gosto do Rio. Mas de maneira diferente, pois diferentes são.

A despeito dos aviões que entre o Rio e S. Paulo todos os dias fazem "la navette", S. Paulo tornou-se para mim a grande amiga ausente, depois de uma outra que na Europa existe. Sim, a carta deu-me saudades — e ninguem o pode estranhar.



Srta. NICOLE LEGRIS, filha do Adido de Informação junto à Embaixada da França e da Sra. Edouard Legris, com o seu primeiro vestido de baile. Um amplo vestido branco, enfeitado de estreitas fitas e, mais do que um lindo modelo para dançar, a linda realização de um sonho, mais ou menos igual para as adolescentes de todas as épocas. — Ah, o primeiro vestido de baile!

"CROQUIS"

Numa tarde deste verão, a Sra. Ministro Daniel de Carvalho estava com um vestido "fraise" estampado de branco.

Um vestido leve e simples, mas o colar de contas redondas, do mesmo tom de branco — é enorme a importância dos tons de branco e fácil de constata-lo, por exemplo, num quadro de Maria Margarida — dos "pois" estampados e os brincos, parecendo recortados do tecido, mostravam mais uma vez que a Sra. Alice Mibielli de Carvalho é bem a pessoa de gosto que soube escolher aquelas cortinas de tafetá cambiante para o seu "living-room". Cortinas de tons tão suaves, tão requintadamente delicados que chegam a parecer nós

delicados que chegam a parecer-nos irreais. No entanto, são uma prova de senso realista da esposa de um homem de estado que deve encontrar em sua superfícies de seda, para o compensar do excesso de cores fortes e da inevitável aspereza da sua vida cheia de altas responsabilidades.

MUSEU, SALÕES E "BOITE"

A residência do Sr. José Flavio Meira Penna talvez tivesse uns ares de museu, com as suas diversas coleções, os seus lustres, as suas esculturas em marfim, os seus tapetes da China, os seus quadros, os seus pratos de ouro, os seus gomis de prata, as suas arcas, os seus Budas, se não fosse a vivacidade do dono, a animação com

que recebe os amigos, sem parecer preocupado com a fragilidade dos cristais e das porcelanas.

Numa noite de janeiro, improvisou-se nos seus salões uma reunião com poesia, musica e... dança, numa "boite" improvisada, em meio de tapeçarias orientais.

A conhecida poetisa Beatriz dos Reis Carvalho disse poemas aplaudidos, sua irmã, a Sra. Menna Barreto — mãe da deliciosa Regina — interpretou com sobriedade e singular delicadeza mais alguns, a Sra. Murilo Fontes aceitou os insistentes convites para que tocasse, o Dr. Murilo Fontes recitou e falou, em honra do Sr. Meira Penna, a Sta. Maria da Graça de Carvalho e Silva tocou acordeon e ouviu uma poesia que exaltava a graça que tem no seu nome e na sua personalidade, e o filho do casal Murilo Fontes lembrou-nos Tino Rossi. Entre os convidados estavam a princesa Vitoria de Brancovan, com um vestido de linho "fraise" de gola modernissima e de linha muito princesa, o Encarregado de Negocios da Holanda e a Sra. Bergsma — casal fino de traços e maneiras — o embaixador Barros Pimentel, sempre em otimos grupos de conversadores que a sua verve estimula, uma aristocrata hungara, nada menos do que da principesca familia dos Esterhazy e a encantadora Sra. Maria Amélia Pinto de Azevedo, com um vestido de linho côr de avelã — grande decote, pequeno chale — uma escritora belga de olhos cinzentos, com um chapéu e uns "paradis" do mesmo raro tom de pérola, a Sra. Furtado a Sra. Mariazinha Mendes, que se destaca pela estatura, os belos olhos e o cabelo aveludado, o Sr. e a Sra. Fausto de Carvalho e Silva, o jovem Eduardo Vieira de Castro, cheio de "entrain" social, o Sr. Garcia Viñolas, que representa entre nós a cultura espanhola e é uma figura inconfundivel — admiraveis, para um pintor de retratos, o seu cabelo prateado e os seus olhos de onix, tão agudamente observadores — o conhecido poeta português Herculano Rebordão, adido cultural à embaixada de seu país, o Sr. e a Sra. Francisco de Souza Brasil, o Sr. e a Sra. Antonio Augusto Xavier, traje de rigor, chegando de um jantar na Embaixada Americana, a Sra. Maria Clara Van Erven Giannini — a descendente do visconde de Abaeté usava, nessa noite, algumas das suas imponentes jóias — o Sr. e a

Sta. REGINA DOS REIS CARVALHO MENNA BARRETO — Moçidade e poesia na expressão, uma figura extremamente graciosa, uma cabeleira que parece de princeza de conto de fadas num "film" de Walt Disney.



Sra. Artur Sampaio, a pintora espanhola Isabel Pons.

Foi servido "champagne" e, com grande alegria nossa, um café de primeira ordem. O café pode ser gelado, mas o "champagne" não pode deixar de o ser e assim — ah, os resfriados do tempo de calor! — o café tem mais vantagens... Também o improvisado, quando é feliz como no caso da recepção do Sr. Meira Penna.

CARNAVAL BRASILEIRO EM NEW YORK

Não é nenhuma fantasia da cronista, mas a expressão da verdade, pois o Museu de Arte Moderna de New York tornou-se possuidor do quadro "Carnaval" da Sra. Olga Mary Pedroza.

TRAVESTIS

O carnaval carioca de 1949 — o da sociedade, que o das sociedades é diverso! — travestiu-se de petropolitano e terezopolitano, como tem feito ultimamente. De serrano, em todo o caso!

Com algumas exceções a favor do Municipal e do Jockey e de três ou quatro bailes ao nível do mar, as elegancias decidiram continuar a "subir" ou não começar a "descer".

Para os pintores e os turistas, aliás, o Carnaval mais popular é o melhor. Resultado — nem a cidade nem as serras têm de que se queixar!

O "CARNET" E OS LIVROS

"Fontes do meu caminho" — poemas de Ilda Corrêa Leite, que foram editados em Lisboa e estão sendo apresentados no Rio pela casa "Livros de Portugal".

Versos desalterantes para quem tenha sincera sede de poesia. Lêm-se e relêem-se, por exemplo, "Visinha dos meus vizinhos", "Maria Pequena", "Pedra rara", "Gelosias", "Passos", como quem bebe em fontes de montanha.

CASAMENTOS EM PARIS

A Sta. Sílvia Régis de Oliveira, alta, esguia, morena, filha do antigo embaixador do Brasil em Londres — esse Régis de Oliveira cujo pae também foi diplomata, e que deixou um nome brilhante para a história do Itamarati — e da ruiva, elegante, musical Sra. Gina Régis, deve ter-se casado, em fim de fevereiro, com um príncipe de Faucigny-Lucinge. A filha do nosso atual embaixador na França e da Sra. Maria Martins — conhecida como escultora moderníssima — casará brevemente, com o filho do marquês du Bourg de Bozas. Casamentos em Paris — o Brasil da elegancia e da beleza, da tradição e da arte nova, na aristocracia da França.



Sta. MARIA DA GLORIA DE CARVALHO E SILVA — Tem gosto pela música, tem uma grande vocação para a pintura e tem, na sociedade, uma encantadora maneira de ser. Reflexos de ouro no cabelo, reflexo do mar nos olhos.

EM PETROPOLIS

Um casamento notável — reunindo os destinos da Sta. Lília Bocayuva Catão e de Joaquim Xavier da Silveira — pois teve como padrinho o Presidente da Republica, General Eurico Dutra. As melhores crônicas sociais diárias descreveram-no com o máximo interesse e os mínimos detalhes.

Sob os auspícios de S. A. I. a princesa D. Maria de la Esperanza de Orleans e Bragança, o "Festival das Nações", em benefício da "Casa da Providencia".

Numerosas embaixatrizes estrangeiras foram "patronesses" e a Sra. Ministro Raul Fernandes também deu o prestígio — oficial e pessoal — do seu nome e essa festa que nos lembrou as do "Club Paysandú", consagradas aos povos amigos apresentando trajos típicos de cada um deles, pratos característicos, barraquinhas embandeiradas. A princesa de Orleans e Bragança, nascida Bourbon, sabe o que fica bem na atmosfera social de Petropolis, quer seja inverno ou verão.

Manuel Bernardes Muller, do Itamarati, com o seu nome ilustre, e da crônica social, com o seu ilustre pseu-

donimo de "Jacinto de Thormes" — o Jacinto de Eça de Queirós, príncipe da fortuna em Paris e, depois, rei da simplicidade feliz nas serras portuguesas — disse-nos que vai e vem todos os dias. Petrópolis-Rio — Rio-Petrópolis, casa da familia, casa de Rio Branco, elegancias, "blagues", trabalho! Por isso não tem tempo de se aborrecer, como Jacinto — amigo do "Zé Fernandes" e patrão do luzidio "Grilo" — às vezes se aborrecia, em meio das maravilhas do progresso. Manuel Jacinto é um rapaz invulgar, casado com uma jovem de cuja inteligencia várias vezes me têm falado. Mas Lygia Bentes Mattos, Sra. Bernardes Muller dispõe dessa elegancia puramente social que eliminou os ridiculos do "bas-bleuismo". Hoje, a inteligencia não influe nos chapéus e no corte do cabelo senão para os escolher com mais rigor.

Sra. General Mendonça Lima — D. Rosita — figura de destaque na sociedade, pela sua personalidade e as suas iniciativas de beneficencia. Devemos-lhe alguns dos mais brilhantes espectáculos de caridade realizados no Municipal, entre elles "Muiraquitã" e "Glamour".



O CARNAVAL NO "GAVEA GOLF"

○ Carnaval correu também animadíssimo nos clubes, sendo de destacar a elegância e distinção que predominou nas três noites folionas do "Gavea-Golf", onde se reuniu a elite carioca para festejar Momo. No prestigioso clube foi que colhem os dois flagrantes desta página e mais o que aparece ao alto da página ao lado.

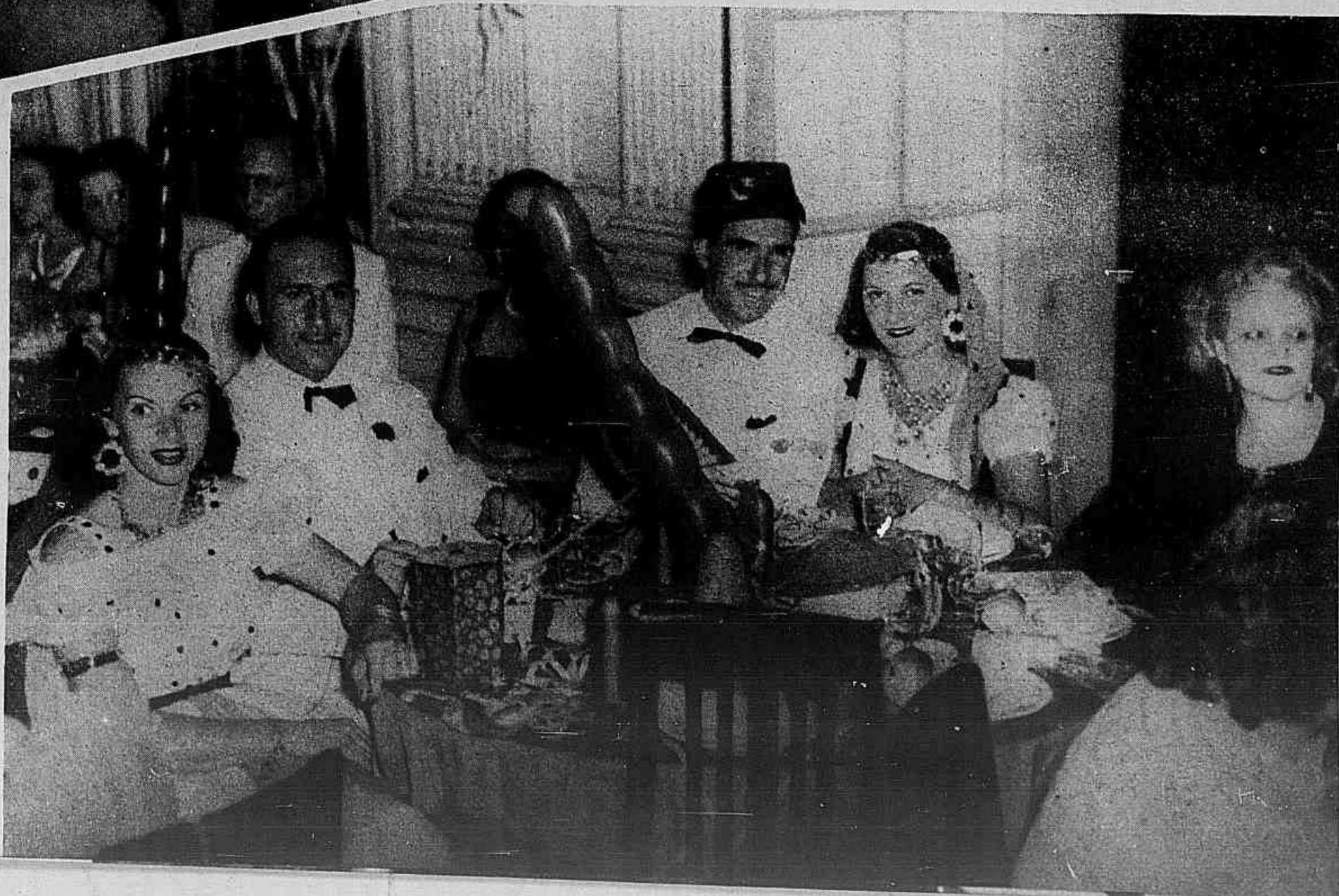




O CARNAVAL NO JOCKEY CLUB

São já tradicionais as reuniões carnavalescas que se realizam no Jockey Club Brasileiro, congregando em seus salões a melhor sociedade local.

Este ano a alegria e o entusiasmo empolgaram no prestigioso centro de elegancia e esporte, cujas três noites de folia foram o que de melhor se registrou, na cidade, para festejar o reinado de Momo.





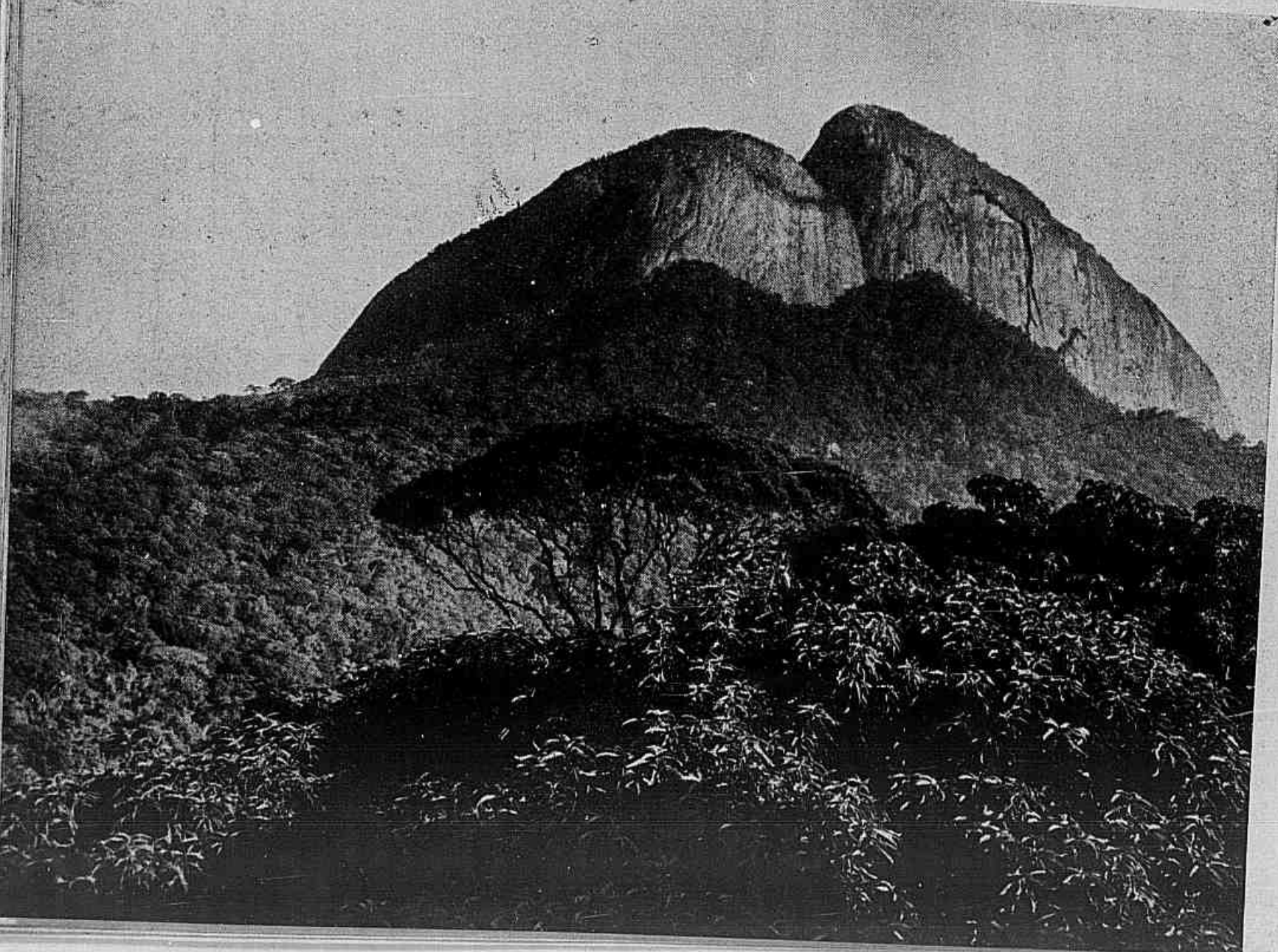
O Presidente Eurico Gaspar Dutra e a senhora Deputado Mauro Renault Leite, visitam "Monte Carlo", acompanhados do seu diretor o Sr. Antonio José Pereira das Neves



S. A. I. D. Esperanza de Orleans e Bragança, com o Príncipe D. Pedro

Monte - Carlo, UMA GRANDE ATRAÇÃO TURÍSTICA

Esta grandiosa paisagem é vista de uma das varandas de "Monte Carlo"



○ Presidente Eurico Gaspar Dutra, visitando "Monte Carlo", o elegante centro turístico que surgiu na rua Marquês de São Vicente, deu mais uma prova do interesse das esferas governamentais pelo problema do turismo entre nós.

O chefe do Governo percorreu as dependências do maravilhoso palácio criado pelo espírito empreendedor dos srs. Antonio José Pereira das Neves e Carlos Machado, elogiando o luxo das de-



Um flagrante, em dia festivo



O Presidente da Republica entre o Deputado Mauro Renault Leite e o Dr. Carlos Roberto de Aguiar Moreira.



Dois flagrantes colhidos durante uma ceia em "Monte Carlo"

corações e a organização dos serviços que são realmente, modelares.

Damos, nestas páginas, aspetos dessa honrosa visita a "Monte Carlo", além de aspectos comuns da atividade nesse centro de elegancia e turismo com que conta o carioca atualmente.



Ilustração Literária

O POETA E O ROMANCISTA

A literatura sempre foi a estrada por onde o espírito caminha para o alto. Lêr deverá ser sinônimo de subir.

Mas, necessariamente, nem toda obra é uma asa para essa ascensão. É preciso que, ao escrever, o autor compreenda que tem um destino tão admirável quanto o da luz do Sol, que nunca poderá fazer outra coisa no mundo senão iluminar. Na poesia, no romance, no ensaio, na ciência, o escritor terá meios de levar pela mão o leitor até o grau de altitude a que a sua alma puder alcançar.

O poeta é o guia mais perfeito da humanidade, nesse sentido. Pela imagem, ele, em poucas palavras, põe os astros todos ao alcance das criaturas humanas; e, pelo ritmo, faz com que esses astros se transformem em sons. Assim, conserva o Homem num plano de elevação espiritual constante. Toda vez que nos sentimos prósos demais à Terra, temos o recurso de apelar para a poesia, que nos liberta um pouco do lódo em que os nossos pés se enterram, a todo instante. A luminosidade que os poetas irradiam com a beleza dos seus trabalhos, é tão generosa que está sempre pronta a nos aclarar nos momentos em que a procuramos, na ânsia de saber que nem tudo é sombra e pó nesta vida misteriosa. A poesia não só é luz: é, também, ar livre, descendo da mais profunda das atmosferas.

Se, quando estamos sozinhos, dizemos alguns versos de um grande poeta, temos a sensação de que respiramos melhor. Um oxigênio que não é deste mundo entra em nossos pulmões, e, então, julgamo-nos mais fortes, ou, pelo menos, mais aptos a viver com o espírito desembaraçado, sem as idéias vulgares que nos arastam para o egoísmo e a crueldade.

Vejam a fisionomia de um Goethe ou de um Heine, e digam-nos se ali não há o lampejo de uma claridade que vem de um sol eterno, um sol que não é aquele que nos queima e nos vivifica, mas um outro que se move além de todas as constelações: o sol de Deus. Olhando o retrato de um poeta de gênio, percebemos que, atrás de seus poemas, radiava sempre esse dia sem nascente nem poente que raros têm a felicidade de sentir dentro da alma.

O romancista, embora com um destino mais simples que o do poeta, nasce, também, com uma grande missão: coordenar os fatos da vida e interpretá-los, dando-lhes um sentido. É por isso que, em sua fisionomia há aquela expressão temível de quem examina, de quem penetra, de quem conhece os homens. Ar de Edipo. Para ele não existem esfinges. Ele vê, toca, emenda, parte os fios da vida humana... dentro de um universo de dois centímetros quadrados, no máximo: os seus livros.

Observem o rosto de um Balzac, de um Eça de Queiroz, de um Machado de Assis! Não se distingue em seus traços fisionômicos aquele rictus de quem analisa, de quem fixa, de quem enxerga dentro de nós? Ele diseca: não contempla, como o poeta. Enquanto os olhos deste fogem para as alturas, os do outro encaram, face a face.

Um tem o olhar vertical; o outro o olhar horizontal.

E, entre esse dos olhares, a Humanidade equilibra o seu espírito, através dos séculos.

AXEL MUNTHE

Original e querido autor do "Livro de San Michele" acaba de falecer, aos setenta e quatro anos de idade, em Estocolmo.

Axel Munthe, vivendo sempre à sombra da Família Real da Suécia, foi um predestinado. Certamente, absorvido pela sua profissão de médico, na longínqua Escandinávia, seu nome nunca ultrapassaria as neves de seu país se o Destino não o levas-

se, um dia, até a ilha de Capri, na Itália. Axel era um romântico, e ficou em êxtase diante daquele panorama abraçado pelas ondas e beijado pelo sol. As pequenas tavernas rústicas à beira do caminho, entre latadas de parreiras, onde os cachos de uvas lhe roçavam nos ombros, o encantavam profundamente, e ele, fascinado por aquele ambiente, resolveu ali permanecer durante todo o tempo em que escreveu a sua obra.

CONCURSO DE ENSAIOS SOBRE A PERSONALIDADE DE JOAQUIM NABUCO

Comemorando o primeiro centenário do nascimento de Joaquim Nabuco, a Diretoria de Documentação e Cultura de Recife, repartição subordinada à Prefeitura Municipal da referida cidade, iniciou em janeiro último as inscrições para um grande concurso de ensaios sobre a personalidade daquele notável homem de letras e diplomata pernambucano.

São as seguintes as instruções para essa competição intelectual:

1. — As inscrições para o concurso de ensaios acerca de JOAQUIM NABUCO, estarão abertas na Diretoria de Documentação e Cultura (9.º andar do Edifício do Instituto dos Bancários, avenida Guararapes, número cento e trinta e um) a partir do dia 2 de janeiro do ano de 1949 e serão encerradas no último dia do mês de março do mesmo ano, admitindo-se a participação de qualquer pessoa, residente ou não no Brasil.

2. — O ato da inscrição constará, apenas, da entrega do trabalho, em troca de um recibo que dará ao concorrente o direito de receber os originais, caso o trabalho não seja premiado.

3. — Os ensaios deverão ser entregues em quatro vias, dentro de envelopes devidamente lacrados, assinados com pseudônimo, e acompanhados de outro envelope que contenha folha onde se encontre o nome, por extenso, e a residência do concorrente, apresentando exteriormente, em letras claras, o pseudônimo utilizado.

4. — Serão admitidos a julgamento os trabalhos rigorosamente inéditos, os quais poderão fixar tanto a vida como a obra de JOAQUIM NABUCO, encaradas sob qualquer aspecto.

5. — Os ensaios deverão ser escritos em português e de acordo com o Vocabulário Ortográfico Resumido da Língua Portuguesa, publicado pela Academia Brasileira de Letras (Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1947).

6. — Os ensaios deverão ter um mínimo de trezentas (300) folhas tamanho ofício, datilografadas a dois espaços, de um só lado do papel.

7. — O julgamento será feito entre os dias 2 de abril e 31 de julho de 1949, salvo motivo de força maior, divulgando-se o resultado pela imprensa e rádio no dia 19 de agosto, data do centenário.

8. — A comissão julgadora será composta de quatro intelectuais, não participantes do concurso, e presidida pelo diretor de Documentação e Cultura, que votará, apenas, em caso de empate.

9. — A comissão fará uma seleção preliminar, só incluindo no julgamento final os trabalhos que estiverem à altura do prêmio.

10. — A Prefeitura estabelece o prêmio de trinta mil cruzeiros (Cr\$ 30.000,00) que será conferido ao autor do melhor ensaio.

11. — O ensaio premiado passará a pertencer à Prefeitura Municipal do Recife e será editado pela Diretoria de Documentação e Cultura.

INTERCAMBIO ENTRE POETAS

Sofia Espindola, uma encantadora, suave e original poetisa argentina, que, não há muito, publicou o seu livro de versos "El ídolo de luz y barro", é um dos nomes consagrados na jovem literatura de Buenos Aires.

E' da sua autoria a tradução abaixo, de um poema de Pádua de Almeida, constante do livro "Neblina ao sol", coleção de "Poesia Viva":

EL ROSAL

La frescura de las rosas era tal
que yo no pude huir... y acerqueme a ellas...
yo, el sentimental.

Mas, así que llegué, vi que no existían,
pues solo había hojas en el rosal.

Y los gajos eran tantos y tan negros
que, dentro de ellos, me perdí...
yo, el sentimental.

Y vagué como un ciego, andando a tontas
entre la noche de las hojas... al final.

Al final... ví también, que las propias hojas
no existían, no...
yo, el sentimental.

Y quedé entre los gajos más torcidos,
crucificado en el rosal...

Mi sangre se escurría en los rosales
y nunca más salí de entre los espinos...
yo, el sentimental.

A LAGRIMA DE MARGARIDA SARFATTI...

Mussolini era um gênio de metáforas. Sua alma girava em torno de um sonho de grandeza permanente. Seus discursos eram enfáticos, cintilantes, largos. Não há dúvida de que ele foi um discípulo de D'Annunzio, espiritualmente. Seu pensamento nunca descia à multidão: a multidão é que deveria subir até o seu pensamento.

Por esse motivo, as suas cartas de amor não

poderiam deixar de ser literariamente bem escritas, de maneira a ser conhecidas da posteridade sem qualquer diminuição para o conceito de seu autor.

Com esse ponto de vista é que o Dr. Daniel Schorell, cirurgião "yankee", se apressou a adquirir da senhora Margarida Sarfatti toda a correspondência amorosa que o "Duce", durante um longo tempo, remeteu àquela sua amante.

Dizem que o inteligente comprador das cartas pagou pelos direitos autorais 120.000 dolares ou seiscentos milhões de liras. No momento de entregar o pacote, salientam os que assistiram ao negócio, no "Banco do Trabalho", Roma, Margarida Sarfatti beijou-o, sentimentalmente, afagando-o, como se dentro daquele volume tivesse ficado um pouco da sua alma. E uma lágrima correu-lhe pelas faces...

Lágrimas de gratidão, talvez... pelos 120.000 dolares recebidos naquele instante...

A MEDALHA DA "LEGION D'HONNEUR" PARA BEATRIX REYNAL

Personalidades das mais ilustres dos meios intelectuais brasileiros dirigiram um memorial ao governo francês, no sentido de que a grande nação de Vitor Hugo e Pasteur conceda à poetisa Beatrix Reynal a medalha da "Legion d'Honneur". Esse gesto merece o apoio de todos, pois a autora de "Au fond du coeur", "Tendrens mortes" e "Pcemes de Guerre" revelou-se uma extraordinária amiga da França nos momentos mais terríveis do domínio alemão na Europa.

Com o sacrifício de seus bens e de sua saúde, ela se lançou em admiráveis cruzadas espirituais que não deverão ser esquecidas pelos que amam a civilização e a cultura do povo gaulês.

O programa radiofônico "Franceses, nós cremos em vós", a sensacional exposição de desenhos infantis, no Ministério da Educação, sob o tema "Como vê você Paris libertada", a "Campanha da lâ", etc., são a prova de que Beatrix Reynal foi uma batalhadora tenaz a favor da França justamente na ocasião em que mais dolorosa era a situação daquele país, então crucificado entre as asas dos "Stukas" e as rodas dos "tanks" hitleristas.

"BRIC-A-BRAC" DAS LETRAS

O senhor Eloi Pontes, falando a um nosso companheiro, num destes dias, na redação d'"O Globo", declarou, revoltado, que os jornais de hoje estão atacados de uma estupidez lamentável. Só se interessam pelo que é vulgar e inferior. Têm a volúpia do sensacionalismo canalha, e detestam a literatura.

A senhora Albertina Berta lançou, há pouco, o seu livro intitulado "Estudos". E' uma exegese de algumas individualidades exponenciais de todos os tempos: Goethe, Ber-

ger, Kant, etc. A obra é forte, profunda, mas está escrita de um modo acessível, embora a sua autora goste, às vezes, de criar neologismos para melhr exproimir as suas idéias mais transcendententes.

O senhor Alvarus de Oliveira resolveu dedicar-se à literatura infantil. O gênero é difícil, mas ele conseguiu vencer os obstáculos facilmente, apresentando dois livrinhos encantadores: "Eu vou contar uma história" e "Pequena história de uma grande vida".

O senhor Tassil da Silveira tem andado silencioso nestes últimos anos. Mas, não julguem que o poeta de "Canto do Homem Novo" está dormindo. Não. Tem escrito muito, e, dentro de poucos meses, nos dará mais dois livros, pelo menos.

O senhor Rosário Fusco vai publicar uma nova obra: "O anel de Saturno", peça teatral, numa edição limitadíssima de 250 exemplares, e já anunciou que, depois dêsse, lançará outros livros.

O academico Celso Vieira, um aristocrata mental em todos os sentidos, estava para fazer uma referência ao trabalho "Um grande amor entre as varetas de um leque", publicado, últimamente, em "Ilustração Brasileira".

Entretanto, desistiu dessa idéia porque, por um requinte de sensibilidade, lhe parecem que se fizesse o elogio daquele romance de Luiz Guimarães Júnior, feriria, talvez, a suscetibilidade da família do autor de "Visita à casa paterna", com a qual mantém velhas relações de amizade.

Proust é, atualmente, um ídolo de... nuns. Seus adoradores vão atrás dele como se seguissem para uma abstração. São os tomadores de opio intelectual. E o "Proust club", nesse sentido, é qualquer coisa como um silencioso "cabaret" chinês...

As revistas culturais se multiplicam, dia a dia. No Norte, no Sul, no Centro do país, em todo lugar onde haja um grupo de literatos ansiosos de publicidade, elas surgem, com nomes excêntricos e inquietos. São verdadeiros enxames de abelhas... ou de maribondos aflitos... O fenômeno será, talvez, uma reação contra a inflexibilidade dos nossos grandes jornais, que teimam em entregar seus suplementos literarios apenas a uma rodinha de "snobs" das letras, sem dar oportunidade a que os pobres iniciantes da poesia, do conto e da crônica possam ali ingressar timidamente...

Axel Munthe faleceu recentemente. E' preciso, portanto, criar, um "Club Axel Munthe"... Quem querará realizar essa tarefa? Estamos na época dos "clubs" de literatura... Não percam tempo, pois, senhores literatos...

A ALFAIATARIA PENA
ESPECIALISOU-SE NA
CONFEÇÃO DE FAR-
DÕES PARA OS MEM-
BROS DA ACADEMIA
BRASILEIRA



PRAÇA GETULIO
VARGAS, 2
ED. ODEON - S. 618
TEL.: 22-8760

ALFAIATARIA

PENA

O ALFAIATE DOS IMORTAIS

ÓCULOS • FILMES

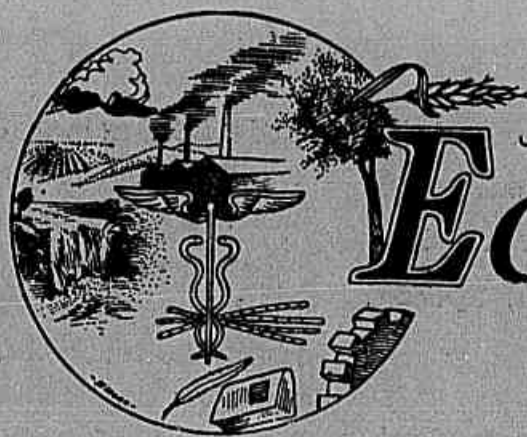
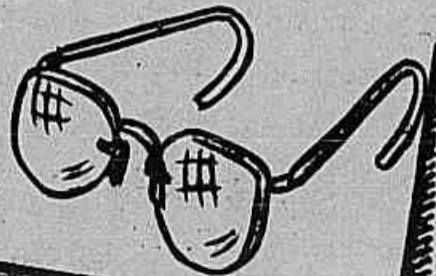
ÓTICA

Continental

SOARES
& GUIDO

RUA SENADOR DANTAS, 118-C
próximo ao Taboleiro da Baiana

TELEFONE
4 2 - 4 2 3 8



Economia

A IMIGRAÇÃO DO BRASIL

A imigração se processa, atualmente, sob duas formas: a espontânea e a dirigida. A primeira é aquela em que o migrante, por iniciativa própria, resolve abandonar o seu país, vender os seus bens e tentar a vida no estrangeiro. Esse é o tipo de imigração que o Brasil vem recebendo há um século; é o passageiro de 3.^a classe, que desembarca no cais do porto, só ou com a sua família, trazendo uns poucos sacos de bagagem, algumas economias e a esperança de encontrar logo um bom emprego.

A imigração desse tipo não convém mais ao Brasil e tende a desaparecer, tantas são as restrições, condições e regulamentos a que está sujeita.

Aos poucos vai sendo substituída pela imigração dirigida, dependente diretamente dos poderes públicos, segundo as necessidades e conveniências dos países super povoados e dos sub-povoados.

O Brasil, mais do que qualquer outro país no mundo, precisa da imigração dirigida. Nesse terreno, contudo, ainda estamos na fase das tentativas, das realizações empíricas, das hesitações. Os diversos órgãos federais e estaduais incumbidos do assunto, ainda não têm seus encargos bem delimitados e dispõem de recursos financeiros e técnicos insuficientes, até irrisórios, se quiséssemos fazer comparações com outros países.

A despeito de tais insuficiências, e da complexidade do assunto, começam a se firmar as primeiras correntes de migração dirigida para o Brasil. Atualmente contamos com duas, em pleno desenvolvimento: a dos deslocados de guerra e a dos holandeses.

Aquela já foi estudada nesta página, (Ilustração Brasileira de dezembro último) por quem tem, no assunto, verdadeiro conhecimento de causa.

Vejamos, rapidamente, como se está processando a imigração dos holandeses.

Na Legação dos Países-Baixos, no Rio de Janeiro, funciona um serviço de emigração, encarregado de orientar os holandeses que desejam vir para o Brasil e de entender-se com as autoridades brasileiras.

Em meados do ano passado, em virtude dos entendimentos havidos entre o Governo de São Paulo, o Ministério da Agricultura, a Presidência do Conselho de Imigração e Colonização e a Legação dos Países-Baixos, ficou assentado que seria adquirida pela Cooperativa Holambra, organização composta pelos próprios colonos, uma área de 2.000 alqueires, perto de Campinas, São Paulo, mediante financiamento dos Governos federal e estadual. Em dezembro findo foi concluída a transação, começando logo a chegar os primeiros colonos que se instalaram nas 40 casas existentes na fazenda chamada Ribeirão. A esses pioneiros coube a tarefa de derrubar o mato da área cultivável, melhorar as estradas, construir casas para as próximas levas, etc. Para realizarem tais tarefas trouxeram consigo equipamentos completos: ferramentas para uso próprio, tratores modernos, "jeeps", etc. Dessa forma, vão esses colonos preparando a terra para segundo métodos modernos e científicos, explorá-la para a cultura e a pecuária. É esta, e suas indústrias derivadas, o principal objetivo da colonização holandesa. Cada família que se dirige para Ribeirão traz consigo, em média, 10 cabeças de gado selecionado, do qual tiram um rendimento máximo.

e Finanças

A fazenda Ribeirão deverá conter umas 150 famílias, 1.500 cabeças de gado e venderá leite e seus derivados, e produtos agrícolas, inclusive trigo.

Eis um exemplo típico de migração dirigida, que poderá ser imitado em diversas zonas do Brasil, melhorando elevando a nossa produção, ao mesmo tempo em que se povoa o solo com trabalhadores pacíficos e laboriosos.

CELSO ANTONIO DE SOUZA E SILVA

O QUE NOS REVELA O ULTIMO BALANÇO DA CAIXA ECONOMICA

Mais um ano de atividades venceu a Caixa Economica Federal do Rio de Janeiro e, como sempre, atestando o esforço e competencia dos seus administradores.

Os balanços anuais desse importante estabelecimento são uma constante revelação da força economica do nosso povo que, apesar dos pesares, procura amealhar tanto quanto possivel, na presença dos dias futuros.

Não apenas o rigido principio da aplicação das reservas, que para ali se convergem, como tambem pelo criterio adaptado nas facilidades das suas transações para com o grande publico, é a Caixa Economica hoje, como outrora, viva do quanto póde a publicidade quando não tem sutilezas, mas ao contrário, revela a realidade incontestante dos algarismos que compõem seus documentos. Num movimento geral que atinge a cifra de quase sete bilhões de cruzeiros, encontram-se parcelas cuja significação diz bem dos verdadeiros fins desse arcabouço da economia do pobre que é, nem: há huvida, o seu maior cliente.

Assim por exemplo, subordinado ao titulo "Depósito", vimos os chamados voluntarios, cujo montante, atingindo cerca de 3 bilhões de cruzeiros, engloba os populares com mais de 2 bilhões e 500 milhões de cruzeiros, cifra sobremaneira digna de registro, porque diz do aumento desse espirito de economia a que se vai habituando, cada vez mais, o brasileiro que vive do labor diario e só pode preservar as necessidades do futuro por esse cuidado.

Tambem, o valor dos algarismos referentes aos "Empréstimos" tem alta significação. Totalizando, nas diversas especificações, o montante de 2 bilhões e quase 500 milhões de cruzeiros, tem mais da metade desse valor aplicada em sólidas hipotecas, principalmente de particulares. Essas, por sua vez, outra coisa não exprimem senão o facultade que a Caixa Economica tem posto em prática para aquisição da casa propria.

Para os que sabem das dificuldades subsistentes entre nós, nessa questão da casa de moradia, é facil avaliar a utilidade desse departamento cujas transações, crescentes embora, se fazem sob a mais rigorosa seleção de modo a contribuir, não apenas a tranquilidade para aqueles que se tornam os proprietarios do lar, mas sobretudo, para os que facilitam a natureza de tais negocios, como depositantes que são de suas economias.

Basta essa análise ligeira dos algarismos contidos no seu balanço geral para que se possa formular um juizo da sua vitalidade como estabelecimento destinado a lidar com as economias daqueles que, dia a dia, guardam migalhas, no proposito de ter faturas no amanhã, sempre imprevisto e duvidoso.

DIDI Sport

ULTIMAS NOVIDADES

EM

VESTIDOS

BOLSAS

SWEATERS

BIJOUTERIES

LINGERIE FINA

ENXOVAIS PARA NOIVAS

RUA SENADOR DANTAS, 23-A
FONE 22-2464 - RIO DE JANEIRO

LEIAM

O MALHO

DE MARÇO

SEGURANÇA

PARA SUA FAMÍLIA



Quando alguém bate à porta de sua casa, esse alguém tanto pode ser uma pessoa amiga como um salteador.

Para que sua familia fique a seguro desse perigo, instale em sua casa o visor GORDON.

O visor GORDON é de facil colocação, perfeita visibilidade e grande raio visual!

ALFREDO, LIMA & CIA

RUA BUENOS AYRES, 161 - TELS. 23-6088 e 236084



CABELLOS
BRANCOS
QUÉDA
DOS
CABELLOS

**JUVENTUDE
ALEXANDRE**

AGUA DE TOILETTE
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
LIMPA, E. FECHA OS PÓROS
À VENDA EM TODA A PARTE

**Galeria
Santo Antonio**
Rua da Quitanda, 25
ESPECIALISTA EM RESTAURA-
ÇÕES DE QUADROS A ÓLEO



**AGUA PURA
SAUDE SEGURA**
SO' COM VELAS
ESTERILISANTES
SENUN

**Caspa ?
Petroleo
Soberana**

O CONSUMO MUNDIAL DE CAFÉ

Os economistas especializados em café, da "George Cordon Paton & Company", E.E. U.U., disseram que, segundo as estatísticas, o mundo consumiu mais café o ano passado do que em qualquer outro ano anterior, embora a Europa gastasse apenas 55 por cento da media anual de antes da guerra.

Dizem esses peritos que o total entrado nos países importadores desse produto foi de 31.3 milhões de sacas, em 1948, com um aumento de 1.3 milhões sobre o máximo de anos anteriores, verificado em 1938. Acrescentam que si a França e a Alemanha, que estão agora consumindo abaixo do normal, voltassem a normalizar suas importações, pelos níveis anteriores, o mundo teria necessitado de mais de 38 milhões de sacas durante o ano passado.

NOVOS "RECORDS" DA PRODUÇÃO BRITANICA

Na Inglaterra a produção de certos artigos, como relógios de parede, e de algibeira, maquinario de impressão e encadernação de livros e aparelhos de televisão, atingiu novo "record" em dezembro ultimo, de acordo com as estatísticas que a respeito acabam de ser divulgadas. O aumento do numero de relógios fabricados mensalmente continuou em dezembro, quando a produção totalizou 379.000 relógios de parede e 57.000 de algibeira, afora os confeccionados com peças importadas. Durante o ano passado, a média mensal da produção de relógios de parede foi de 275.000, contra 228.000 em 1947, e a de relógios de algibeira elevou-se a 24.206, contra 6.200. Desde abril de 1948, vem aumentando rapidamente o valor da produção de maquinario para impressão e encadernação de livros, o qual alcançou em dezembro £1.400.000, dos quais 807.000 se destinaram à exportação. No mesmo mes, foram produzidos 13.275 aparelhos de televisão, tendo esse montante superado em 400 aparelhos a produção de novembro, que havia sido a mais alta até então registrada. O delegado do Brasil no Conselho Economico e Social da ONO, embaixador João

A SITUAÇÃO ECONOMICA MUNDIAL

Carlos Muniz, aplaudindo a declaração do presidente Truman sobre a assistência dos Estados Unidos às regiões necessitadas, exprimiu a esperança de que essa declaração venha a ter aplicação pratica, notadamente no tocante ao emprego de capitais privados na economia dessas regiões. As palavras do delegado brasileiro foram proferidas durante o debate, que se travou no Conselho, sobre a situação economica mundial. O sr. João Carlos Muniz acentuou, de uma parte, o progresso obtido no ano passado aos trabalhos do Conselho, mas insistiu em que há ainda muita coisa a fazer porque são inumeros os obstaculos que se levantam para a reconstrução do mundo. Entre esses obstaculos citou particularmente "as pressões inflacionarias", acentuando, porém, que em certos países essas pressões foram contrabalançadas pela melhora da situação alimenticia.

Frisou, a seguir, a penuria em dolares que prejudica consideravelmente a economia governamental, em diversos países. Nesse aspecto, frisou as esperanças colocadas na ERP, relativamente a distribuição dos fundos em dolares, esperanças essas que especialmente na America Latina não foram satisfeitas.

Concluiu essa parte de seu discurso afirmando que "a situação financeira mundial não mostrou melhora em 1948".

Prosseguindo, disse ainda o delegado brasileiro algumas palavras sobre o aumento da produção industrial, especialmente a textil no ano que terminou, enquanto que os ramos agricolas, entre o café e o algodão, muito sofreram das condições atmosfericas e das epidemias". Em geral — acentuou — o nível da produção permaneceu baixo, em razão da falta de adubos e de maquinas agricolas". Mas finalizou o sr. João Carlos Muniz frisando que "em opposição, o ano passado viu a produção brasileira de aço ir alem do dobro da do ano anterior", sobretudo em consequencia do progresso dos trabalhos siderurgicos de Volta Redonda.

DR. OSVALDO SERRA

DA
FACULDADE NACIONAL DE MEDICINA

Doenças da Pêlo e Sifilis

Tratamento especializado da cutis, cravos, espinhas, manchas da pêlo, verrugas, sinais congenitos (nevus), extração de pêlos da face. Tratamento de varizes, úlceras, eczemas crônicas e alergicos, urticárias, doenças dos cabelos e unhas. Tratamento dos angiomas e canceres da pêlo pelo RADIUM (Radioterapia).

Ondas curtas, Ultra-violeta, Infra-vermelho, Neve-carbonica, Diatermia, Radium.

Consultório: Rua 13 de Maio, 23 — Edifício Darke-7.º and. — salas 723/. Consultas diárias das 16 às 19 horas exceto aos sábados.

DR. FRIDEL

MOLESTIAS DAS CRIANÇAS
(CHEFE DA CLINICA
DR. WITTRÖCK)

Tratamento dos vômitos, diarréia, anemia, fastio, tuberculose sifilis e molestias da pêlo

RAIOS ULTRA-VIOLETA

AV. RIO BRANCO, 114-13.º andar
Telefone: — 22-0713

Residência: Tel. 25-6692

DR. UBALDO VEIGA

ESPECIALISTA EM
DOENÇAS DA PÊLO E SIFILIS

Chefe desta clínica na Beneficência Portuguesa
Consultas: Rua do Ouvidor, 183, 183 5.º andar
— sala 504 — nas 2.ªs, 4.ªs e 6.ªs feiras, das
16 às 17,30 horas.

FALTA

CONTRA-CAPA